

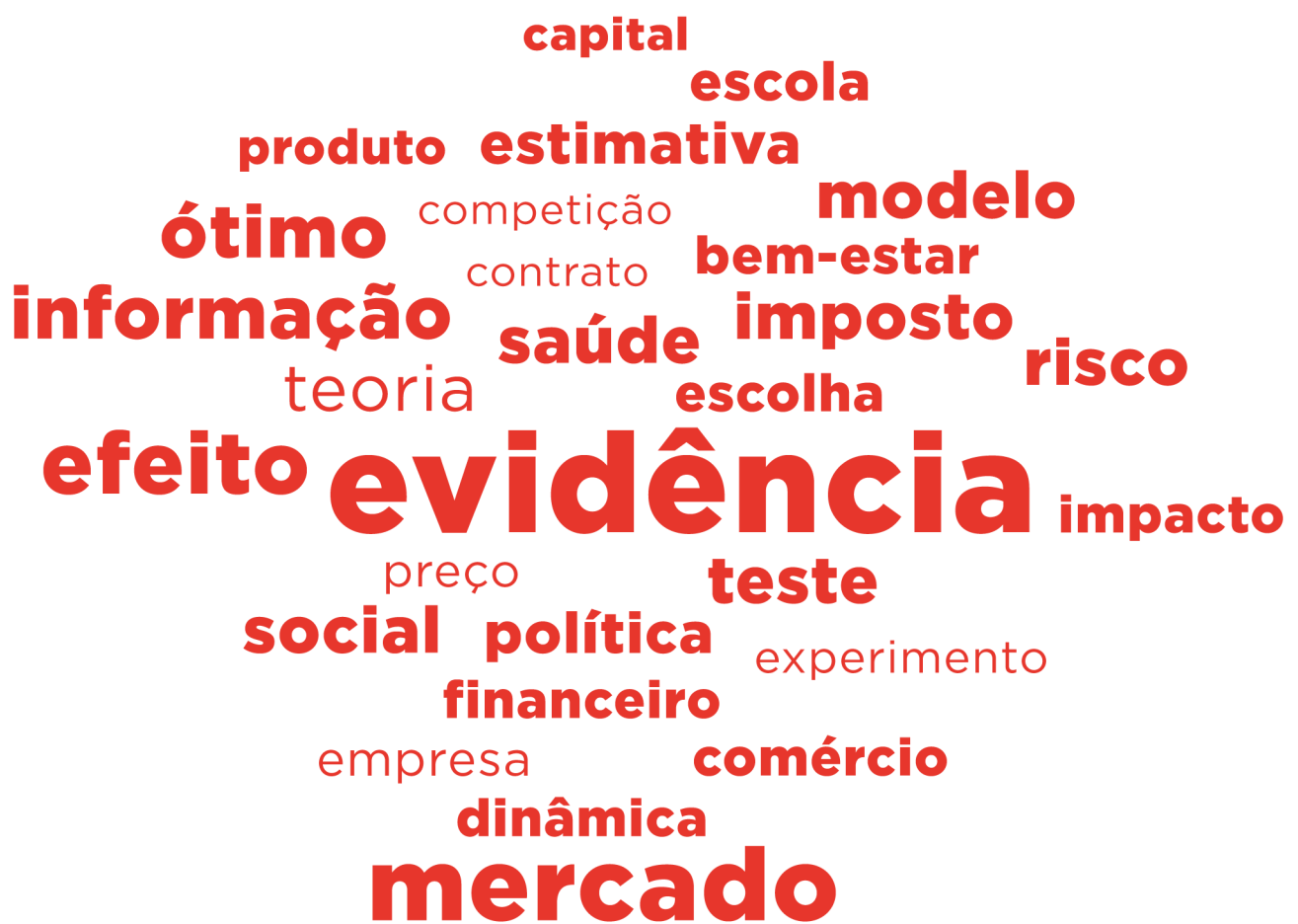
Guia dos **Economistas**



ANO
2021

Guia
dos

ECONOMISTAS



Referência

Bandiera, O. (2018). "What Economists Really Do". Apresentação realizada na Palestra Pública Anual da Royal Economic Society. Universidade de Nova Iorque, Nova Iorque, 28 de novembro de 2018. Disponível para acesso em: <https://www.youtube.com/watch?v=1KEzLtbpEVg>.



O que é
Economia

?

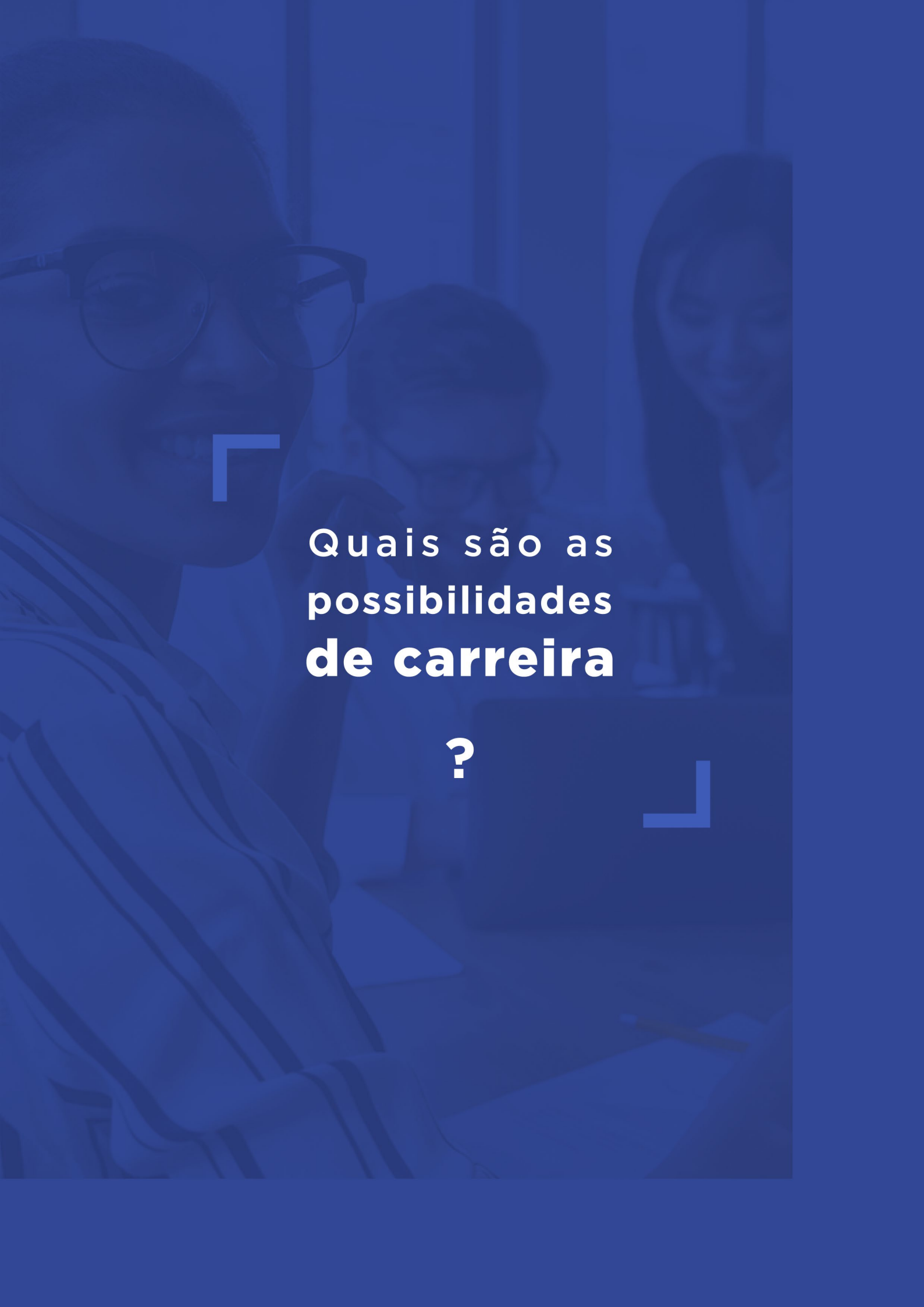
O que é Economia?

A economia é a ciência social que estuda o comportamento humano sob a ótica das suas relações econômicas, utilizando ferramentas matemáticas e estatísticas como métodos para construir teorias e analisar o comportamento observado de indivíduos. Um pressuposto importante da economia é que as escolhas dos indivíduos são limitadas e impactadas por restrições e pela escassez de recursos econômicos. Portanto, a economia estuda como indivíduos fazem escolhas diante dessas restrições. A economia pode se preocupar com escolhas individuais (quantas horas trabalhar, quanto estudar, quantos filhos se ter, em quem votar, etc) ou com escolhas sociais (qual é a melhor política para contornar o impacto da crise do COVID-19, democracia traz crescimento econômico, qual a melhor política educacional e como conseguir recursos para isso?).

Nesse sentido, os economistas podem estudar profundamente problemas sociais como pobreza, desemprego, violência, corrupção e todas as características de uma sociedade que podem frear o seu desenvolvimento econômico e social. Por fim, aquele que decide estudar economia também olhará para como forças e tendências político-sociais podem afetar diferentes grupos de formas distintas e a economia como um todo.

Percebe-se então que o estudo de economia abrange diversas possibilidades. Sabemos que há uma percepção geral de que o curso de economia diz respeito basicamente a investimentos financeiros. Além disso, muitos acreditam que é um “curso de gente rica”, o que acaba afastando mulheres, negros e periféricos. Tendo em vista tal concepção errônea, este guia tem como objetivo apresentar as diferentes áreas em que um economista pode atuar e quais perguntas cada uma delas se propõe a responder. Economia é uma ciência social cujo avanço exige a presença de indivíduos de todos os gêneros, raças e estratos sociais.

「Economia é para todos que querem um mundo melhor, mais justo e humano.」



Quais são as
possibilidades
de carreira

?

Quais são as possibilidades de carreira?

Microeconomia

A microeconomia tem como objetivo principal explicar a conduta dos consumidores, trabalhadores, estudantes, empresas etc. Por exemplo, é possível explicar como os consumidores mudam seu comportamento a depender dos preços e de sua renda ou como um estudante pode valorar estudar mais hoje dependendo da sua perspectiva em relação aos seus ganhos salariais futuros.

Microeconomistas também podem estudar o comportamento dos indivíduos num ambiente onde existe algum tipo de discórdia de como as coisas devem ser feitas. Nesse tipo de ambiente, os economistas estudam como ocorre a interação estratégica dos indivíduos, o que podemos dizer das escolhas feitas por estes indivíduos nesse ambiente estratégico e como essas escolhas são impactadas por fatores relevantes ao ambiente. Um exemplo é a interação estratégica de membros da câmara dos deputados ou do senado. Cada um lá tem uma concepção de qual deveria ser a melhor proposta pública para o país. No entanto, estes parlamentares devem levar em consideração que eles não pensam de forma igual e devem barganhar entre si para chegar a uma escolha que represente a sociedade, seus interesses de grupo e suas perspectivas de reeleição. Neste exemplo, um economista estudaria que tipo de proposta poderia ser feita num parlamento democrático e como essa proposta seria impactada pelas chances de reeleição dos parlamentares, pelo nível de polarização política ou até mesmo por eventos econômicos, como uma recessão.

Os economistas então criam modelos e alinham dados com algumas técnicas, chamadas de econometria, para buscar entender o comportamento dos agentes dessa economia. Um fato interessante é que, muitas vezes, nós economistas estamos interessados em encontrar um efeito causal, ou seja, saber se uma política causou um impacto positivo ou negativo, qual foi esse impacto e a quem ele mais afetou. Ao longo dos anos, criamos várias técnicas para avaliarmos esses impactos de maneira rigorosa. Assim, buscamos responder a questões muito relevantes às políticas públicas e a nossa sociedade. Alguns exemplos de perguntas que microeconomistas buscam responder são:

Programas de transferência de renda, como o Bolsa Família, incentivam os beneficiários a trabalharem menos? Elas criam incentivos para a melhora da saúde das crianças? Qual o efeito sobre a probabilidade de uma criança frequentar a escola?

O que explica as mulheres terem, em média, salários menores que os homens e negros ganharem menos que brancos? Há discriminação racial e de gênero no mercado de trabalho? Como reduzir essas desigualdades?

Aumento de imigrantes está realmente associado a perdas de emprego e renda para trabalhadores nativos? O aumento do salário mínimo aumenta o desemprego? Programas de qualificação profissional ajudam na inserção no mercado formal de trabalho?

Diminuir a maioria penal reduz crimes? Desarmar a população reduz crime? Quais foram os efeitos das Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs) no crime? A Lei Maria da Penha ajudou a diminuir violência contra mulher? Programas de emprego voltado para jovens podem reduzir a criminalidade?

Frequentar a educação infantil melhora o desempenho da criança na educação primária? Aulas de reforço extra-classe melhora desempenho dos alunos? Aumentar o salário dos professores pode gerar ganhos de aprendizados aos alunos?

Universalizar o acesso à saúde, a exemplo do SUS, melhora a saúde materna e das crianças? Programas de saúde focados em comunidades, como Programa Saúde da Família, ajudou a reduzir a mortalidade?

Monitorar o desmatamento por satélite ajuda a combatê-lo? Modernizar a agricultura, ao aumentar a produtividade, ajuda a reduzir o desmatamento? Políticas públicas, como infraestrutura urbana e cobertura florestal, afetam a ocorrência de desastres naturais?

Fiscalizar contas dos municípios reduz corrupção? Protestos influenciam em votações e tipos de política pública implementadas? Colocar limites à doação para a campanha de políticos impacta em quem é eleito?

A novelas da Globo, mostrando um padrão de família com poucos filhos, ajudou na redução da fertilidade no Brasil? Qual o efeito das redes sociais em crimes de ódio e atitudes xenofóbicas? Mulheres temem aparentar serem ambiciosas e preocupadas com a carreira com medo de serem punidas no “mercado de casamento”?

Como polarização política pode afetar o bem-estar social dos cidadãos em um país? O que gera polarização? Como cidadãos podem melhor monitorar o comportamento de políticos eleitos? Quais as melhores instituições para que um país cresça, redistribua e evite danos democráticos?

Como a estrutura das redes sociais e a presença de notícias falsas podem afetar o grau de desinformação e polarização em uma sociedade?

Como o viés de confirmação afeta a opinião pública quando os agentes trocam informações em uma rede social?



Onde um **microeconomista** pode trabalhar?

Governo;

Organizações internacionais como BID e Banco Mundial;

Centros de pesquisa;

Universidades e;

Consultorias privadas (Ex: Empresa que cria pilotos de política pública utilizando mecanismos de economia comportamental para aumentar a eficiência da gestão pública).

Quais são as possibilidades de carreira?

Macroeconomia

Os macroeconomistas coletam dados sobre renda, preços, desemprego, taxa de câmbio e diversas outras variáveis para tentar formular teorias que expliquem o comportamento desses indicadores agregados ao longo do tempo (MANKIWI, 2003). A macroeconomia também têm como objeto a dinâmica das receitas, despesas, propriedades e do endividamento de um ente governamental, com a ressalva de que o impacto sobre a sociedade e a complexidade das decisões tendem a ser maiores aqui que no caso da empresa privada. Considerando tais aspectos das finanças públicas, os macroeconomistas também estão interessados em formular políticas econômicas. A macroeconomia está fundamentalmente relacionada com a microeconomia, uma vez que os incentivos criados para tomada de decisão dos agentes afetam indicadores agregados como consumo, participação no mercado de trabalho, investimento etc. Algumas perguntas que vão ser colocadas aqui também buscam ser respondidas no campo da microeconomia. Podemos dizer que a macroeconomia lida com dois grandes ramos: o longo prazo, onde estuda-se os determinantes do crescimento econômico, e o curto prazo, onde o interesse se volta mais às flutuações de indicadores econômicos e às crises. Algumas perguntas que macroeconomistas buscam responder são:

▮ O que leva países a crescerem mais do que outros? Quais as consequências do investimento em infraestrutura para o desenvolvimento econômico de longo prazo? Um sistema de patentes bem desenvolvido afeta no crescimento econômico ao estimular a inovação tecnológica? Políticas que estimulam a competição entre firmas levam ao maior crescimento econômico? A desigualdade prejudica o crescimento econômico?

Por que há altas taxas de empregos informais (sem carteira assinada) no Brasil? Um seguro-desemprego mais duradouro levaria a mais altos níveis de desemprego? As crises podem levar a cicatrizes permanentes ao elevarem a taxa natural de desemprego? O avanço da tecnologia, com automação, inteligência artificial, vai levar a maior desemprego? Como a abertura do comércio internacional de um país afeta o seu mercado de trabalho?

Quais foram os efeitos agregados do BNDES no investimento das empresas? Como mercados de crédito privado desenvolvidos podem contribuir para aumentar o investimento das empresas?

Cobrar mais impostos dos mais ricos prejudica o crescimento econômico? Como reformar o sistema tributário para que ele seja menos regressivo, ou seja, para os pobres paguem menos que os ricos (em termos proporcionais de sua renda)?

Porque os juros em queda tendem a estimular a atividade econômica e em alta a desestimulá-la? Percepções de risco do mercado financeiro são importantes impulsores das flutuações econômicas? Qual o impacto das expectativas das pessoas e empresas sobre essas flutuações? E o impactos do cenário político?

Porque alguns países apresentam taxas de inflação muito mais elevadas que outros? Aumentar a oferta de moeda leva a maior inflação? Porque as taxas de juros acabaram por se tornar o principal instrumento de controle da inflação?

Como um regime tributário complexo como o brasileiro pode impactar negativamente na produtividade da economia? Como a má alocação de recursos pode diminuir a produtividade? A abertura comercial pode ser benéfica à produtividade ao estimular maior competição?

Ao gastar recursos o governo incentiva a atividade econômica? Isso é desejável mesmo em cenário com grande dívida pública? Quais tipos de gastos públicos têm maior impacto na atividade econômica?



Onde um **macroeconomista** pode trabalhar?

Consultorias;
Banco comercial;
Banco de desenvolvimento;
Banco Central;
Organizações internacionais;
Governo;
Fundos de investimentos (Assets);
Centros de pesquisa e;
Universidades.

// Note que muitos macroeconomistas são pesquisadores, professores e trabalham em consultorias/Bancos. São muitas as possibilidades!

Quais são as possibilidades de carreira?

História Econômica

Cada vez mais os economistas reconhecem a importância de estudar os eventos históricos com o intuito de explicar o processo de desenvolvimento econômico dos países (ABRAMITZKY, 2015). Com isso, o historiador econômico contribui para o campo das ciências econômicas ao promover uma coleta de dados históricos a fim de testar teorias e compreender mecanismos econômicos estruturais, além de buscar aprimorar os desenhos de políticas econômicas atuais. Em 2009, ao ser questionado sobre qual conselho daria aos estudantes de Economia, o prêmio Nobel Paul Samuelson, ressaltou a importância dessa área de pesquisa: "(...) tenha um respeito pelo estudo da história econômica, porque essa é a matéria prima de qualquer uma das conjecturas ou testes (...) entretanto, a história não conta sua própria história. Você precisa trazer para ela todos os testes estatísticos possíveis, e, atualmente, temos mais informações disponíveis para realizar isso". Algumas questões que historiadores econômicos buscam/buscaram responder são:

Quais fatores econômicos impactaram o processo de urbanização e crescimento da população europeia entre 1700 a 1900?

A globalização contribuiu para a convergência de crescimento econômico dos países?

Qual foi o papel das políticas públicas implementadas para o fim da Grande Depressão de 1929?

Por que os planos de estabilização da inflação anteriores ao Plano Real fracassaram?

Como o boom da cana de açúcar no Brasil está relacionada à desigualdade do acesso à terras?

Como o boom do ouro está associado à má governança e acesso à justiça?

Quais foram os efeitos de longo-prazo da escravidão na desigualdade de renda no Brasil?

Por que o Nordeste é relativamente mais pobre que o Sudeste?

Como a imigração de pessoas com alto nível de escolaridade para regiões do Brasil no final do século XIX e início do século XX se relaciona com o desenvolvimento econômico dessas regiões no longo prazo?

Quais os fatores geopolíticos e econômicos levaram o dólar a ser a moeda internacional?

Uma tradição histórica de democracia, como escolher líderes locais por votação, está associado a instituições nacionais mais democráticas no presente?

Quais são as origens históricas das diferentes crenças culturais acerca do papel da mulher na sociedade e como isso contribuiu para a disparidade econômica entre homens e mulheres?

Onde um
**historiador
econômico**
pode trabalhar?

Centros de pesquisa e;
Universidades.

Quais são as possibilidades de carreira?

Finanças

O estudo das finanças tem como foco a criação, a administração e a circulação do dinheiro na economia, nas quais intervêm os administradores financeiros, os bancos e outras instituições de crédito que atuam na intermediação financeira. Nesse sentido, a área de finanças se concentra no estudo dos preços, da taxa de juros, do valor do dinheiro no tempo, da análise do custo de capital, das taxas de retorno, da análise de riscos, da estrutura financeira ideal, entre outros. O campo das finanças pode ser dividido em duas categorias: finanças corporativas e finanças pessoais; todas elas intrinsecamente ligadas ao sistema financeiro.

As finanças corporativas têm como principal objeto a dinâmica das receitas e despesas de uma empresa e a análise de suas dívidas e patrimônios/riqueza. Já as finanças pessoais abrangem as decisões de gastos e de investimento dos indivíduos ou famílias, incluindo o orçamento doméstico, o pagamento das despesas, o planejamento da aposentadoria, a aquisição de serviços e produtos financeiros como seguros, hipotecas, cartão de crédito, cheque especial, poupança, fundos de investimento, entre outros.

As duas categorias interagem a todo o momento com o mercado financeiro que culmina nas atividades realizadas nas tesourarias dos bancos e nas empresas de administração de fundos de investimento (Asset Management). Neste ambiente, as finanças tem como objeto as estratégias de aplicação dos fluxos financeiros, sempre atentando para o gerenciamento das entradas e saídas de recursos. Nos fundos de investimentos, o fluxo de dinheiro tem como origem a poupança dos indivíduos, famílias ou empresas, ao passo que nas tesourarias, esse fluxo tem como origem o depósito em conta dos correntistas (indivíduos, famílias e empresas), a concessão e o pagamento de empréstimos junto aos clientes, além de receitas oriundas da cobrança de taxas de serviços. A atividade no mercado financeiro também inclui assessorar investidores sobre a melhor estratégia de alocação de recursos bem como sobre as linhas de crédito disponíveis nas instituições financeiras. Em termos práticos, envolve a determinação do preço justo de diversos tipos de produtos financeiros (ações na Bolsa de Valores, por exemplo). Algumas perguntas que a área de finanças busca responder são:

▮ **Como escolher os melhores investimentos para cada tipo de pessoa ou momento de vida? Como capturar mudanças de comportamento e necessidades das pessoas e incorporá-las nessa escolha de investimento?**

Como oferecer os melhores produtos para os clientes de forma sustentável para o banco? Ou seja, como garantir que consiga oferecer empréstimos de forma que não impacte a capacidade de honrar os depósitos dos clientes?

Como oferecer empréstimos para diferentes tipos de clientes, que vão desde pessoa física sem emprego fixo até grandes empresas? Quando um empréstimo deve ser concedido?

Como medir e monitorar diferentes tipos de risco de forma apropriada?

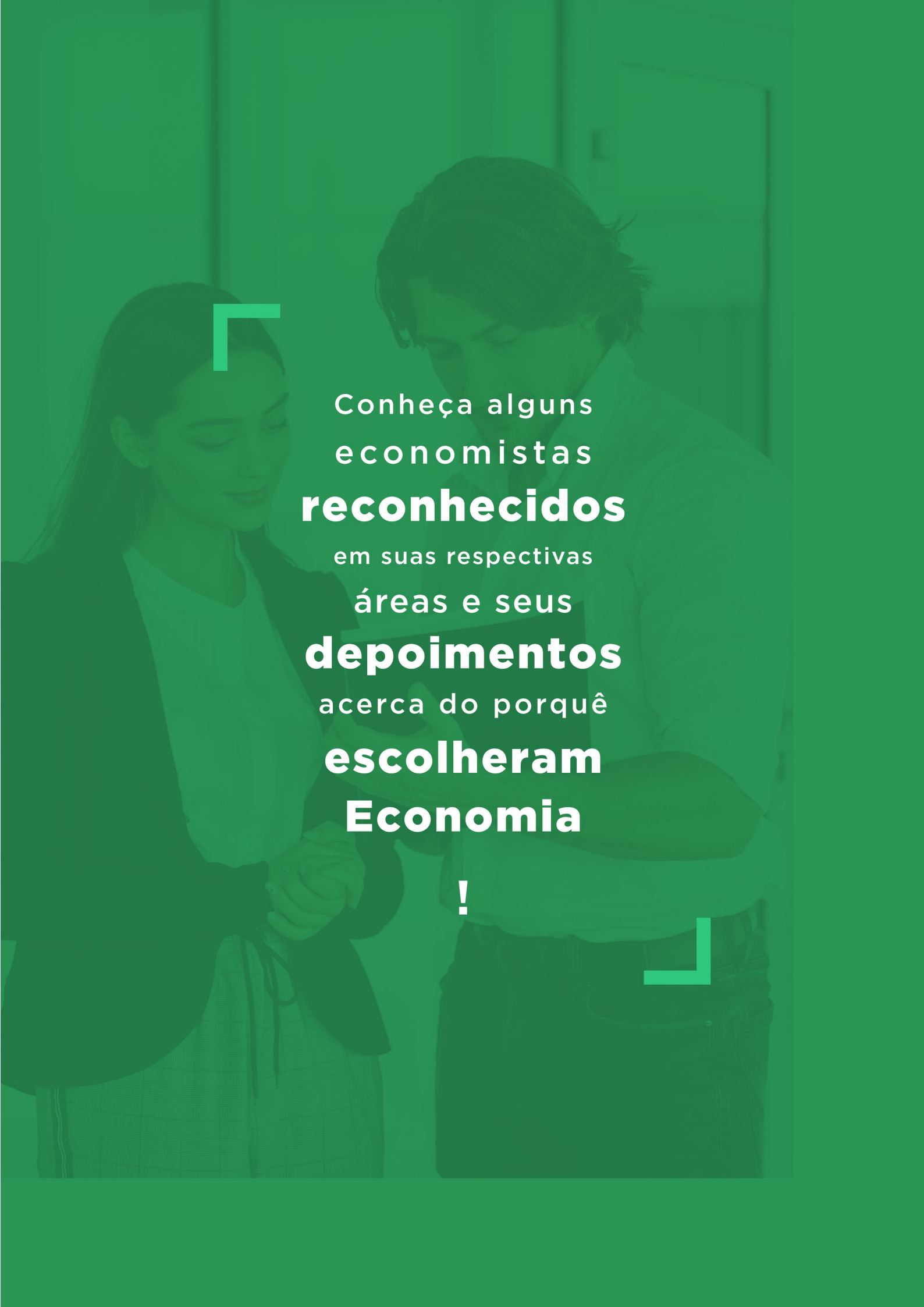
Qual o impacto das fintechs (empresas cujos produtos financeiros são todos digitais) no sistema bancário?

Quais as razões de algumas pessoas optarem por seguros e outras não?



Onde um
**economista do
mercado financeiro**
pode trabalhar?

Bancos comerciais;
Banco Central;
Fundos de investimentos (Assets);
Gestoras.



Conheça alguns
economistas
reconhecidos
em suas respectivas
áreas e seus
depoimentos
acerca do porquê
escolheram
Economia

!

Por que escolheram a Economia?

Ana Paula Melo



Professora Assistente na Howard University

“Economia não foi minha primeira opção. Eu sempre gostei muito de exatas e programação, e não sabia o quanto isso encaixa com Economia também. Acabei entrando na universidade no curso de Engenharia da Computação. Na UFES, comecei a participar de organizações estudantis e, com o tempo, fui sentindo falta de uma formação mais orientada ao social. Eu queria conhecer o mundo, entender a nossa história e sociedade. Sabia que queria mudar de curso, mas não sabia para qual. Decidi então me matricular em História Econômica e essa matéria abriu um mundo inteiramente novo para mim. Foi um divisor de águas na minha vida. No mesmo ano, prestei vestibular novamente para Economia, uma troca de trajetória que poucos compreenderam na época. Mas foi, sem dúvidas, a melhor decisão da minha vida. Logo no primeiro ano, ingressei no PET-Economia, onde descobri também meu interesse pela carreira acadêmica. E no fim, os dois anos de engenharia com programação e matemática mais avançada tornaram minha experiência na universidade muito completa, me preparando para anos mais tarde, me tornar uma pesquisadora com foco em microeconomia aplicada.

”

Cláudio Ferraz



Professor PUC-Rio/UBC e Diretor Científico do Poverty Action Lab (JPAL-América Latina)

“Fui estudar economia atraído pela possibilidade de entender o mundo através do estudo do comportamento das pessoas e poder usar isso para fazer do mundo um lugar melhor. Sempre gostei de história e de aspectos humanos das interações sociais. Descobri ao longo do tempo um ferramental único, teórico e prático, para estudar como as pessoas reagem quando são afetadas por políticas. Além disso descobri que a economia pode ter uma grande interação com outras ciências sociais e que podemos usar a economia para estudar fenômenos práticos e muito importantes como corrupção, desigualdade, criminalidade, eleições e outras coisas do nosso dia-a-dia.

”

Fernanda Estevan



Professora Associada da FGV-EESP

“Eu escolhi a economia porque ela fornece uma maneira científica de pensar sobre questões sociais relacionadas à educação e à mobilidade social. Essas questões sempre me preocuparam, tendo crescido em um país tão desigual como o Brasil em que as oportunidades dependem muito da origem socioeconômica de cada um. Na minha pesquisa atual, eu busco compreender o funcionamento e impacto de políticas públicas, como por exemplo, cotas em universidades, que poderiam ajudar a reverter algumas das extremas desigualdades sociais do Brasil.

”

Gabriela Fernandes



Gestora de valor relativo da Legacy Capital

“Eu escolhi fazer economia porque a ideia de juntar história e comportamento humano com matemática sempre me pareceu fascinante. Desde o estágio, eu descobri que queria trabalhar no mercado financeiro e hoje sou gestora em um grande fundo de investimentos. É uma tarefa que exige muita dedicação, agilidade e um pouco de sangue frio. A recompensa? Muita adrenalina e o ganho financeiro.

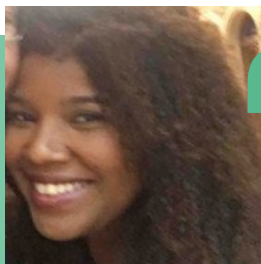
Michael França



Pós-doutorando no Insper

“Ter virado economista foi um grande acidente. Na juventude, gostava de jogar bola, soltar pipa e brincar na rua. Algo comum para alguém que nasce na periferia. Fui saber da existência da graduação através do meu irmão quando já estava no ensino médio. Como ia bem na escola, resolvi que seria por aquele caminho que mudaria o meu destino. Comecei estudar sem parar. Na TV, vi uns economistas engravatados falando de forma pomposa. Pronto, estava feita a escolha. A graduação não despertou muito interesse. Um monte de matérias abstratas. Parecia que tudo ficava só nos campos das ideias. Pensei em mudar. Fazer arquitetura ou engenharia civil. Mas o custo seria alto demais. Fiquei. Fiz mestrado. Escolhi estudar finanças. Grande erro. Continuei apostando na profissão. No doutorado encontrei minha paixão: economia social. Hoje sou um desses economistas que aparece na mídia. Só que descobri que gravata não combina com meu estilo.

Natalie Victal



Economista na Garde Asset

“Economia não era a minha primeira opção de carreira. Sonhava em ser diplomata, e escolhi economia pois era relacionada a profissão, e era oferecida pelas universidades públicas cariocas. Fui estudar na UFRJ. No primeiro semestre descobri que “precisava de matemática para viver”, e que a diplomacia não iria me satisfazer. Fui me apaixonando pela profissão dia após dia, disciplina após disciplina. No intercâmbio no Reino Unido decidi fazer mestrado pois vi que tinha lacunas na minha formação. No ano dedicado aos estudos para o exame da Anpec, fui rerepresentada mais madura aos fundamentos da teoria econômica. Era gratificante notar como o curso nos dá instrumentais para analisar os mais diferentes temas relacionados a sociedade. Fiz mestrado na Puc-Rio. Ouvir dos meus professores que fui a única aluna negra que eles tiveram no curso é sintomático do quanto ainda temos que evoluir como sociedade. Dediquei-me a macroeconomia porque estudar mais sobre o racional por trás dos planos econômicos que marcaram a história do Brasil me instigava. Terminado o mestrado, decidi que queria trabalhar com conjuntura, e fui para o mercado financeiro. É um trabalho intenso, com muitas horas de dedicação. Mas ao mesmo tempo instigante, que nos desafia o tempo todo. Novos temas surgem diariamente. Temas estes que muitas vezes demandam que voltemos a Economia 101 para formamos uma opinião.

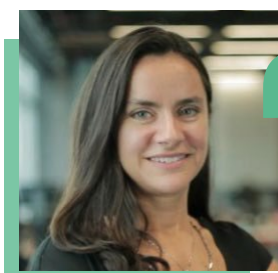
Paula Pedro



Diretora Executiva do Poverty Action Lab (JPAL-América Latina)

“A área da Economia em que trabalho tenta quantificar o efeito de programas sociais na vida das famílias, com o objetivo de levar o que realmente funciona para o maior número de pessoas possível. Esse tipo de trabalho é o que permite, por exemplo, confirmar que programas como o Bolsa Família não só garantem uma mesa mais farta e variada, crianças na escola, e melhor utilização dos serviços básicos de saúde como também não incentivam ninguém a ter mais filhos ou deixar de trabalhar. O processo de construção de programas sociais é longo e complicado. Envolve políticos, administração dos recursos, grupos de interesse. Para mim, é muito gratificante poder apoiar discussão com evidências concretas que ninguém pode refutar.

Rafaela Vitória



Economista-chefe do Banco Inter

“Eu me formei em economia em 1994 pela UFMG e naquela época fui exceção na minha turma por preferir o mercado financeiro a continuar os estudos acadêmicos. Eu sempre gostei de estudar, mas ao mesmo tempo gosto do lado prático e da dinâmica e demanda que o mercado financeiro te impõe. Eu comecei minha carreira como analista de crédito no BankBoston e tive passagens pela Kinea Investimentos, S&P e Sonar Investimentos. Alternei experiências entre gestão e análise, e confesso que gosto mais do trabalho analítico. Fiz uma pausa entre 2000 e 2002 para fazer o MBA em Wharton, nos EUA, uma experiência única, bem diferente dos mestrados brasileiros. Em 2019 vim para o Banco Inter montar a área de Research e hoje como economista-chefe lidero o departamento de pesquisas do banco, tanto a parte macroeconômica como também de estratégias e investimentos e recentemente lançamos o Equity Research, com foco nos milhares de novos investidores em bolsa no Brasil. E ainda estou concluindo o doutorado em finanças pela UFMG, ou seja, nesse nosso ramo a gente não para de estudar nunca. Nesses anos de experiência, acho que essa combinação de estudo e prática foi fundamental para o crescimento de carreira. O domínio do conhecimento ajuda a você ganhar confiança, principalmente em um ambiente tão competitivo como o mercado financeiro. E eu somo a isso as evoluções tecnológicas, principalmente no campo de análise de dados, que transformaram como fazemos pesquisas e como podemos ser mais rápidos e capazes no processo de tomada de decisão. A economia tem um lado teórico importante, mas a disponibilidade de dados hoje torna esse campo de estudo ainda mais relevante com a possibilidade de vários estudos empíricos e aplicações para o dia a dia.

Ricardo Barboza



Gerente do Departamento de Pesquisa Econômica do BNDES

“Escolhi fazer economia porque as questões dessa disciplina são fascinantes. Por que o PIB per capita da Noruega é quase 100 vezes maior do que o do Congo? Por que o Brasil não se desenvolve? Por que a renda dos brasileiros 1% mais ricos é 33,7 vezes a renda dos 50% mais pobres? O que fazer para resolver esses problemas? O mais perto que podemos chegar dessas respostas é entrando em uma faculdade de economia.

Trabalho em um banco público de desenvolvimento, uma instituição de Estado, cujo objetivo é promover um país com mais investimentos (e com mais renda) do que existiria na ausência desse banco. As mesmas razões que me levaram para a faculdade de economia também me levaram a buscar esse trabalho.

Synthia Santana



IBGE

O meu encontro com a Economia foi inesperado. Sinceramente, nunca fui uma criança que sonhava em ser economista e possivelmente eu sequer soubesse o que um economista fazia durante a minha infância/juventude. O mais próximo de um economista era o comentarista da TV, então era uma carreira tão inacessível que nunca sequer passou pela minha cabeça. Sempre adorei política, história, sonhava em falar vários idiomas e viajar pelo mundo. Decidi sobre o curso lendo sobre a profissão no Guia do Estudante e me apaixonei completamente pela carreira nas primeiras semanas de aula na UFPE. Esta foi a melhor e mais feliz decisão que tomei na vida. Na faculdade pude conhecer as diversas áreas de atuação e hoje, como Pesquisadora, percebo que ser uma “economista do mundo real” é fundamental para compreender e ajudar a superar os principais desafios do País.

Vilma Pinto



Assessora do Secretário de Fazenda do Estado do Paraná (SEFA-PR)

Sou Economista pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), mestre em economia empresarial e finanças pela Escola Brasileira de Economia da Fundação Getulio Vargas (FGV EPGE). Fui estagiária, assistente de pesquisa e pesquisadora, especialista em finanças públicas, no Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getulio Vargas (FGV IBRE). Atualmente, sou assessora do Secretário de Fazenda do Estado do Paraná (SEFA-PR).

Eu decidi estudar ciências econômicas, quando estava no ensino médio e estagiava na auditoria de um shopping em Niterói. Já sobre ser pesquisadora, eu me inspirei muito nos pesquisadores que davam entrevistas na TV. Durante o curso superior, busquei estágios que me ajudassem a alcançar esse objetivo, foi quando estagiei no Instituto Brasileiro de Economia (IBGE) e depois na FGV IBRE.





Como descobrir
**que caminho
seguir**

?

Como descobrir que caminho seguir

Laura Karpuska

PhD em economia pela *Stony Brook University* e Pós-doc na *FGV/EESP*

Acho que já migramos para uma sociedade em que a graduação é fundamental para que a maioria dos empregos sejam factíveis. Isso acontece para o bem e para o mal. Para o bem, significa que, na média, a população será mais educada. Para o mal também, pois isso significa que muitas pessoas que ficam de fora da graduação perderão oportunidades. Além de criarmos incentivos sociais distorcidos para que pessoas busquem uma graduação seja feita “apenas pelo diploma”.

Quando eu entrei na faculdade eu não sabia que existia uma pós graduação. A faculdade, para mim, era o grau máximo que uma pessoa conquistaria. Com o passar do tempo, fui descobrindo o mestrado, o doutorado, o doutorado fora do Brasil e por aí vai. Aquilo tudo me parecia fascinante, porém um pouco distante de mim. Eu entrei na FEA-USP trabalhando integralmente. Trabalhei durante o cursinho pré-vestibular e durante toda a FEA. Tive a felicidade de notar que estágios em economia pagavam até mais do que eu recebia no meu emprego CLT. Então, consegui migrar de um emprego de secretária para ser estagiária em consultoria focada em economia e ter aumento de renda real. Mas esta não seria uma realidade na pós-graduação.

A pós exigiria dedicação integral bom uma bolsa de estudos menor do que eu recebia como estagiária. Seria necessário um bom planejamento financeiro. Trabalhei depois da graduação com a expectativa de que voltaria à academia para fazer mestrado e depois, talvez, doutorado. Acabei não fazendo mestrado e acabei fazendo doutorado fora apliquei depois de ter sido transferida pelo banco em que era estagiária, fui promovida e depois realocada para Nova Iorque. É uma história menos linear que a maioria dos colegas que vai por este caminho e compartilho para animar você, que não está vivendo a vida numa linha reta. É sempre possível mudar de caminho.

Conto tudo isso porque a escolha em dar continuidade nos estudos depois da graduação, especialmente para quem não vem de uma família que vá ajudar nesse percurso financeiramente, será difícil. A cada ano numa pós é um ano a menos de salário e de experiência no mercado. Além disso, o ganho financeiro de uma pós stricto sensu não é claro. Como economista no mercado financeiro eu poderia ganhar mais, muito mais, do que como professora com PhD.

No entanto, uma das maiores felicidades que eu tive foi ter me dedicado aos estudos durante o doutorado. Não foi apenas uma grande realização pessoal para mim, como pode ser para você, leitora e leitor, mas foi também uma realização intelectual. Poder se dedicar a técnicas que te ajudem a pensar o mundo em que vivemos, poder aprender arcabouços intelectuais que te ajudem a melhorar o nosso arredor é algo muito prazeroso.

Não significa que seja sempre um mar de rosas. Não é. A academia é bastante competitiva. Por questões de rigidez na demanda por trabalho, pois não são criadas universidades todo ano, mais que o mercado privado. Além disso, a oferta de mão de obra cresce: somos muitos, os doutores, que saem em busca de oportunidade a cada ano.

Logo, além da questão da realização pessoal e intelectual, vale manter um espírito prático durante os estudos na pós: fale com colegas dentro e fora da academia. Veja onde essas pessoas estão trabalhando, o que elas fazem, quais são as possibilidades. Não se isole em livros durante a pós acho que é a primeira vez que você vai ouvir isso. Continue lendo o jornal, falando com colegas e pessoas de outras áreas. Isso vai te fazer um pesquisador melhor, mas também vai deixar você conectado com o mundo não acadêmico. Um mestrado ou um doutorado devem abrir portas, não fechar.

1. Como aplicar para o mestrado?

Dentro do BR

Matheus Outeiro

Mestrando em Economia na FGV/EPGE

Bernardo Esteves

Mestrando em Economia na FGV/EPGE

Se você deseja fazer um mestrado em economia no Brasil, a principal porta de entrada é a ANPEC. Algumas universidades privadas estão tentando modelos de seleção alternativos em paralelo à ANPEC (como a FGV/EESP fez em 2020), mas quase a totalidade das universidades aderem à prova unificada. Portanto, esta é a sua principal opção e deve ser o seu foco de preparação por alguns meses.

Como todo concurso, existem duas opções de estudo: parcialmente sozinho(a) ou integralmente sozinho(a). No primeiro caso, você precisa ter condições financeiras de arcar com um cursinho ou conseguir uma bolsa de estudos. Se essa opção não for viável para você, não se desespere.



Independente de fazer curso, você sempre terá que estudar sozinho(a). Por isso, planejamento, consistência e resiliência são as palavras de ordem desse processo. Vamos dar aqui algumas sugestões e dicas, mas não leve isso como receita de bolo. Cada pessoa se adequa melhor a um método diferente, então pesquise qual é o melhor pra você. Além desse texto, há no anexo um Guia específico e mais extenso sobre pós-graduação em economia e que vale a pena ser lido.

O primeiro passo é você checar quantas semanas faltam para a prova e os tópicos que você precisa estudar que, por sua vez, vão depender das universidades do seu interesse. Centros top4 não exigem a prova discursiva de economia brasileira e costumam recrutar pessoas com as notas mais altas em matemática, enquanto que em centros mais “heterodoxos” é justamente o oposto. Não existe número mínimo de meses que você precisa se dedicar. Isso vai depender de fatores como: (i) se você já está formado e se sim, há quanto tempo; (ii) horas disponíveis do seu dia, caso você precise trabalhar; (iii) o quanto você estudou ao longo da graduação e por isso se sente confortável com mais tópicos etc. A única recomendação que gostaríamos de enfatizar é que você separe pelo menos 2 semanas perto da prova exclusivamente para fazer simulados e ajustes finais.

Definido o planejamento de longo prazo, é hora de executá-lo no dia a dia. No curto prazo, recomendamos que você separe os domingos (ou outro dia mais conveniente) para descansar e organizar os horários e tópicos de estudo da semana seguinte. O mais importante aqui é lembrar que o objetivo dos planos de longo prazo não é o de ser cumprido à risca, mas de nortear as tomadas de decisão de curto prazo. Ou seja, tudo bem você reajustar o cronograma com frequência, desde que você tenha consciência da direção que está seguindo. Uma forma legal de acompanhar isso é através de uma planilha que mostre sua trajetória de evolução. [Aqui](#) tem um modelo.

Em termos de fluxo, é importante que você revise constantemente as matérias. Não deixe pra estudar álgebra só em março e depois matemática em abril e etc. Quando chegar em setembro você não lembrará de muita coisa. Se for útil para você, existem vários métodos e aplicativos que ajudam nisso, como *flashcards*, mapas mentais, etc.

No que se refere às matérias em si, é importante dominar o básico. Não adianta pegar Mas-Collel se você ainda não domina o Varian. A Anpec tem aproximadamente 12 questões abertas, cada uma com 5 itens. Vale muito mais a pena saber muito bem o básico, do que entender o avançado pela metade. Caso tenha tido boa graduação e esteja confiante, sugiro ter 2 livros textos, um básico e um avançado. O primeiro, reitero, deve ser entendido de cabo a rabo. O segundo, para se aprofundar em tópicos e se diferenciar (sobretudo aqueles que almejam top4).

Partindo do ponto de vista mais geral, um estudante de economia no fim da graduação já teria visto, mesmo que apenas superficialmente grande parte dos tópicos. Sugiro não gastar muito tempo com a teoria. Não porque não seja importante, mas porque é uma prova. Não está sendo avaliado quem é o melhor aluno de economia ou quem sabe mais a teoria econômica, mas sim quem está mais preparado para a prova.

Ou seja, é preciso se preparar para a prova! E a prova da Anpec tem um estilo próprio e você precisará conhecê-la. Questões e pegadinhas que sempre se repetem, macetes que podem ser usados e afins, tudo isso você só pegará resolvendo a questão. Então, sugerimos que gaste a maior parte do tempo fazendo e refazendo questões. Uma possível sugestão é estudar teoria, fazer poucas anotações e apenas para matérias selecionadas (pouco vistas na graduação e/ou mais difíceis) e depois disso passar direto para exercício. Em suma: não perca muito tempo com resumo, mas seja organizado com as informações.

Uma dica interessante para esse processo é anotar características dos exercícios conforme for fazendo. Por exemplo: aqueles que mais se repetiam, alguma dica e/ou modo de fazer caso caísse algum caso específico etc. Com isso, no final do capítulo daquela matéria, junto com algumas anotações da teoria, você tem um resumo não da teoria, mas da teoria aplicada à prova da ANPEC. Isso pode ajudar muito a ter truques sempre engatilhados. Com o tempo você pode ir adicionando coisas, refazendo e mantendo sempre atualizado.

Por fim, recomendamos duas referências de estudo para a prova: [essa](#) lista de livros-texto por tópico da ANPEC e o site [Anpec Simples](#) que já possui várias provas resolvidas, dicas e até cursinho online. Bons estudos e boa sorte!

┌ **Dentro do BR**

Outras possibilidades além de economia

Ana Pessanha

Mestranda em Política e Economia do Setor Público na FGV/EAESP

Mesmo estudando muito para a ANPEC, é bem possível que você não passe para os seus centros queridinhos. Foi o meu caso. Meu desempenho definitivamente não correspondeu a quantidade de horas que eu dediquei. Meu emocional na prova de matemática me destruiu. Mas eu não sou exceção. A ANPEC é uma prova cansativa e com um tipo de avaliação bem específica. É completamente normal não ir tão bem quanto você esperava, pelo menos em uma primeira tentativa.

Se algo semelhante acontecer com você, saiba que há luz no fim do túnel. Há duas opções nesse caso, igualmente meritórias. A primeira, caso você possa arcar com os custos de oportunidade (trabalhando ou não), é estudar por mais um ano e tentar novamente. A segunda, é você preparar um plano B. A questão é que esse plano B só existe para um grupo de pessoas e ele vem com alguns custos, justamente porque a “única” porta de entrada para o mestrado em economia é a ANPEC.

Se a sua área de interesse é macroeconomia, métodos quantitativos ou microeconomia teórica, não tem jeito. Você vai ter que refazer a ANPEC. Porém, se você deseja ser um microeconomista aplicado e/ou ficar na fronteira entre ciência política, política pública e economia, existem outros mestrados de instituições renomadas para você escolher. Durante o processo preparatório para a ANPEC, me deparei com o mestrado em administração pública da FGV/EAESP (São Paulo) e me encantei com a proposta. Eu não queria “perder tempo” estudando macroeconomia de fronteira quando eu poderia usar esse tempo para aprender disciplinas de outras áreas do meu interesse e que eu não tive a oportunidade de aprender na graduação, principalmente relacionadas à política.

Além disso, as matérias do 1º ano do mestrado em economia iriam tomar todo o meu tempo, de forma que eu não conseguiria trabalhar e nem fazer essas tais eletivas de política que eu tanto queria. A EBAPE, da FGV Rio, também é uma ótima opção, porém mais focada em ciência política do que em administração pública. Não deixe de considerar também se a universidade que você tem interesse oferece uma boa grade de métodos quantitativos (inferência causal, principalmente). Essa é uma parte muito importante da formação de um microeconomista aplicado e você não pode abdicar dela, mesmo que queira entrar no mundo da política e do setor público. Em última instância, se o programa do seu interesse não oferece essas disciplinas, você pode cursar como um aluno externo em outras universidades.

É importante citar também que no ano em que eu apliquei, em 2020, a EAESP colocou a prova ANPEC como opcional por causa da pandemia (sorte a minha!). Contudo, não saberia dizer se eles vão manter esse formato ou se vão continuar deixando a ANPEC (ou ANPAD) como requisito obrigatório. Certamente existem outras possibilidades, mas por questões de ignorância e falta de espaço, não serão abordadas aqui. Para abarcar demais possibilidades, sugiro que leia o Guia sobre pós-graduação em anexo e pesquise individualmente.

Independente da opção que você escolher, tenha em mente a carreira que você quer ter e o que a universidade pode te oferecer. Pondere os ônus e bônus de cada opção e escolha aquela que vai te proporcionar uma trajetória mais feliz e alinhada com os seus propósitos e interesses.



Fora do BR

Europa

Ana de Menezes

Doutoranda em Políticas ambientais e desenvolvimento com foco em Economia das mudanças climáticas pela London School of Economics (LSE)

Fazer mestrado no exterior não foi, por muito tempo, uma opção viável ou algo que consideraria possível. Eu acreditava que a ordem “natural” da vida acadêmica a partir do Brasil seria fazer mestrado no Brasil e talvez conseguir fazer doutorado no exterior. À época da graduação, acreditava que para ir direto ao mestrado no exterior, a estudante precisaria ter várias publicações, cartas de recomendações de profissionais reconhecidos no exterior, notas muito acima da média e bastante dinheiro para investir nessa empreitada. Em resumo, ser excepcional e ter muitos recursos. Além disso, pensava que a aluna precisaria custear a maior parte das despesas de matrícula e manutenção. Nada disso é, necessariamente, verdade.

Há vários programas de mestrado no exterior que, além de oferecer critérios de entrada bastante acessíveis, ainda cobrem custos relativos à matrícula e manutenção, assim como passagens e vistos em alguns casos. Minha experiência é baseada em mestrados na Europa, particularmente em dois países, Bélgica e Inglaterra. Uma particularidade interessante da Europa é que, apesar de nem todos os países terem inglês como língua oficial, várias universidades oferecem mestrados em inglês. Isso facilita o processo de preparação, já que não há necessidade de inicialmente aprender a língua específica de cada país.

O mais conhecido dos programas de mestrado na Europa é o [Erasmus Mundus](#). Ele oferece uma ampla diversidade de mestrados, como por exemplo o mestrado em Models and Methods of Quantitative Economics e o mestrado em Global Development Policy. A variedade de mestrados disponíveis com esse programa também gera a oportunidade de

estudar assuntos que possam agregar conhecimento em uma área específica e complementar à economia o que pode ser bastante útil como um diferencial importante quando a aluna se candidatar a programas de doutorado no exterior. Por exemplo, o [European Joint Masters in Management and Engineering of Environment and Energy](#) poderia auxiliar a entrada da candidata em doutorados em [Environment and Resource Economics](#). Essa foi minha experiência, o meu segundo mestrado foi em [Environmental Sciences](#) com especialização em Mudanças Climáticas, o que foi um diferencial importante para ser aceita no doutorado em [Environmental Economics](#) na [London School of Economics \(LSE\)](#). Outro atrativo do Erasmus é a possibilidade de estudar e viver em diferentes países durante o curso. O programa ainda cobre despesas de matrícula, manutenção e passagens.

Além de programas da União Europeia, como é o caso do Erasmus, há também programas específicos de cada país. Na Bélgica, o [VLIR-UOS Training and Masters Scholarships](#) oferece bolsas de estudo parciais e totais específicas para alunos da América Latina. Os mestrados são em universidades da região Flamenga do país e são ministrados em inglês. Alguns mestrados relevantes são o [Master in Sustainable Development \(KU Leuven\)](#) e o [Master of Statistics \(University of Hasselt\)](#). O mestrado que fiz na [University of Antwerp](#) foi em [Development Studies](#) e foi atendido por 76 estudantes de 30 países. Uma observação importante é que nem todos os mestrados com assuntos relevantes para economistas terão *Economics* no título já que os mestrados na Europa são bem específicos. Mais importante do que avaliar o nome do mestrado em si, portanto, é preciso analisar a grade de disciplinas do mestrado, o quadro de professores e o departamento onde o mestrado será conduzido como um critério para a candidatura.

A Inglaterra, e o Reino Unido no geral, não mais participam de programas da União Europeia mas tem alguns programas de mestrado bastante atrativos. O mais conhecido deles é o [Chevening](#), programa do governo Britânico focado em liderança. Esse programa oferece bolsas de estudo e manutenção, assim como passagens e despesas com visto, para mestrados em qualquer universidade do Reino Unido à escolha da candidata e na condição de ser aceito pela instituição de ensino. Ser uma Chevening é bastante gratificante, não apenas pela oportunidade de estudar em universidades renomadas, mas também por ter acesso a uma ampla rede de profissionais de várias áreas provenientes de mais de 160 países.

Alguns requisitos são necessários para a candidatura. Essas oportunidades exigem que o candidato tenha alguma experiência profissional, normalmente de pelo menos 2 anos. Mas atividades não remuneradas, como estágios e voluntariados, também são aceitas como indicação de experiência. Nas cartas de apresentação/motivação é importante enfatizar a trajetória pessoal e profissional da candidata, principalmente para bolsas que

focam no potencial de liderança. Aqui, a candidata deve refletir sobre seus desafios superados e como eles contribuirão para os planos de longo prazo da aluna. Pensar nos desafios que motivaram a candidata a escolher essa área de estudos e a importância disso para resolver problemas atuais pode ajudar a consolidar uma narrativa mais ampla que liga objetivos pessoais com desafios regionais/nacionais/globais. Assuntos mais acadêmicos, como por exemplo número de publicações, são menos relevantes para obtenção da bolsa, apesar de facilitar a entrada no programa de mestrado. Como em alguns casos a candidatura para a bolsa é separada da candidatura do mestrado, é importante a candidata ficar atento aos pré-requisitos de cada programa.

Mestrados na Europa começam em Setembro e candidaturas normalmente acontecem entre Outubro e Dezembro do ano anterior. Então, a aluna precisa planejar a candidatura com bastante antecedência. Os programas citados não solicitam nenhuma taxa de inscrição e os principais custos envolvidos com a candidatura se referem a transcrições de documentos para o inglês, testes de proficiência em inglês (Toefl ou IELTS) e solicitação de visto (alguns programas, como o Chevening por exemplo, cobrem esse custo). Os documentos necessários para a candidatura variam de acordo com o programa. Mas, no geral, eles envolvem carta de motivação, currículo, histórico escolar, diploma e cartas de recomendação.

Mestrado na Europa não é apenas possível, mas traz a incrível oportunidade de conhecer diversos países e suas culturas. Ter um planejamento detalhado da candidatura é crucial para que se possa ter acesso a mais programas. Também é importante lembrar que muitos desses programas são bastante competitivos então candidatar-se a vários deles em uma mesma rodada é uma boa estratégia para ter sucesso, apesar de isso significar muito tempo dedicado ao processo de candidatura.

Fora do BR

Estados Unidos

Duval Guimarães

Mestre em Políticas Públicas pela Harvard Kennedy School of Government e Diretor de Soluções Customizadas na EF Education First

O desafio de cursar um mestrado nos Estados Unidos é um pouco distinto daqueles que almejam o PhD. No segundo caso, quem é aceito na universidade americana (quase) sempre tem bolsa completa para cobrir custo de vida. Para o mestrado, entrar na universidade e conseguir bolsa são dois desafios distintos. Em todos os casos, as chances de admissão e de ganhar bolsas de estudo relevantes o suficiente para tornar o sonho de estudar fora

uma realidade possível dependem, além de uma candidatura competitiva do ponto de vista acadêmico, de uma narrativa coerente e alinhada com os propósitos do curso almejado.

Uma diferença importante entre mestrado no Brasil e nos Estados Unidos é que por lá os mestrados são muito mais profissionalizantes que acadêmicos. Nesse sentido, você não precisa ter, necessariamente, uma proposta de pesquisa muito bem definida para se candidatar para o mestrado nos Estados Unidos. Isso vai variar de acordo com o programa para o qual você está se candidatando. Além disso, em grande parte, os mestrados nos Estados Unidos valorizam, e recomendam fortemente, que os candidatos já tenham de 2 a 3 anos de experiência profissional após a conclusão da graduação. Ou seja, além de todos os atributos acadêmicos e extracurriculares, os programas norte-americanos avaliam também a trajetória profissional dos candidatos.

Antes de qualquer outra coisa, uma *application* competitiva deve ser sempre precedida de uma boa pesquisa sobre o perfil dos alunos e alunas que foram aceitos naquela universidade nos anos anteriores. Nesta etapa, dentre outras coisas, você deve se perguntar: o que os alunos que foram aprovados em turmas passadas têm em comum? Esse programa costuma aceitar brasileiros(as)? Há possibilidades de bolsa de estudo para estudantes internacionais e, se sim, quais são os principais objetivos elencados como critério de seleção? Os alunos anteriores entram, em média, com quantos anos de idade e com quantos anos de experiência profissional (após o término da graduação) relevante para o programa? Quais são os principais professores e disciplinas desse programa? Há oferta de cursos e/ou linhas de pesquisa com as quais me identifico? O que fazem, em geral, os alunos do programa que almejo após a formatura? E, por fim, sendo bastante sincero consigo mesmo: eu me encaixo nas principais características pesquisadas? Se não ainda, o que me falta para chegar lá?

Após refletir minimamente sobre os pontos acima, vamos a um passo a passo sobre cada etapa do processo.

Tanto para o mestrado quanto para o PhD, o processo para ser aprovado em universidades norte-americanas segue o modelo padrão de *application* holística: (i) histórico escolar desde a graduação; (ii) proficiência mínima em língua inglesa, comprovada por provas padronizadas internacionais como o TOEFL e o IELTS; (iii) nota em provas padronizadas de inglês e matemática como o GRE ou GMAT; (iv) cartas de recomendação acadêmicas e/ou profissionais; (v) currículo profissional, incluindo atividades extracurriculares; (vi) cartas de apresentação pessoais (ao meu ver, peça chave que conecta todas as partes); e (vii) em alguns casos, *essays* adicionais que podem esclarecer eventuais “*red flags*” da candidatura, como por exemplo uma nota aquém do esperado em um dos testes ou histórico escolar impactado por fatores que não condizem com o real potencial de quem está se candidatando.

O primeiro bloco da *application* é o desempenho acadêmico, refletido em seu histórico escolar (desde o início da graduação) e nas notas do TOEFL ou IELTS e do GRE ou GMAT. O ideal é que você tenha tido boas notas ao longo da graduação e que também se destaque sobretudo no GRE ou GMAT (no TOEFL ou IELTS, é necessário que se obtenha a pontuação mínima exigida pelo programa, normalmente não levando-se em consideração a pontuação além disso). Todavia, ter uma trajetória acadêmica exemplar em todas as frentes não é necessariamente garantia de sucesso, nem tampouco de fracasso para os que não a tiverem.

O fundamental é que você balanceie as notas do histórico com as notas das provas padronizadas, em particular demonstrando que houve um processo de evolução ao longo dos anos. Isto é, se você tem um histórico fraco ou obteve um desempenho acadêmico decrescente ao longo da graduação, você pode (e deve) tirar uma boa nota no GRE/GMAT para evidenciar que, neste momento, você está preparado para ser bem sucedido no programa em que vier a ser aprovado. Caso você tenha um histórico forte mas não tenha conseguido um bom desempenho na prova, há três caminhos possíveis: (i) refazer o teste, que não é nada barato e requer sobretudo muita prática devido ao curtíssimo tempo para resolver cada questão, visando demonstrar aumento significativo na nota; (ii) pedir um histórico escolar comparativo para a universidade, que comprove que as notas que constam em seu currículo, apesar de relativamente baixas, te colocam entre os 5% ou 10% melhores alunos do seu programa e/ou pedir que um dos professores que for escrever a carta de recomendação destaque também seu desempenho acadêmico em relação aos demais alunos que ensinou; e (iii) escrever uma *essay* adicional justificando o porquê da sua nota ter sido abaixo do seu potencial e argumentando que você será capaz de ser exitoso no programa pleiteado, fornecendo outras evidências de seu desempenho e potencial como exemplo deste último caso, no anexo deste Guia você encontrará a *essay* que eu escrevi justificando a minha nota baixa no GMAT.

Por fim, vale fazer um disclaimer importante. Alguns programas muito concorridos (como MBAs) e/ou que têm grade curricular obrigatória fortemente quantitativa (de economia, por exemplo) podem utilizar notas mínimas do GRE e TOEFL como nota de corte, ainda que não admitam esta prática. Ou seja, o comitê de seleção muito possivelmente não vai nem ler o seu *application* caso você tenha tirado uma nota inferior à nota mínima que eles avaliam como necessárias para se sair bem no programa do ponto de vista acadêmico. Portanto, tenha isso em mente ao fazer sua pesquisa e preparar sua *application*.

As cartas de recomendação compõem o segundo bloco do processo. Nesta etapa, exceto se estiver aplicando para o PhD, que tem cunho bem mais acadêmico, priorize ter pelo menos uma carta de recomendação profissional, escrita por alguém que te supervisio-

nou e que realmente te conhece muito bem, e também uma carta de recomendação acadêmica, escrita por um(a) professor(a), orientador(a) ou alguém sênior com quem você tenha trabalhado em um projeto de pesquisa. Caso você esteja se candidatando a algum mestrado de viés profissionalizante e já esteja há muito tempo (mais de 3 anos) fora da universidade, atuando no mercado de trabalho, você pode pedir duas cartas de recomendação profissionais (idealmente em funções diferentes) e ignorar as acadêmicas, exceto se as orientações do programa a exigirem.

O cargo ou “gabarito” de quem escreveu a carta definitivamente não é importante. O que importa mesmo para o comitê avaliador é o conteúdo da carta. É relativamente comum nas universidades brasileiras que o professor peça para o aluno escrever a carta para depois ele só validar e assinar. Definitivamente, não é recomendável que isso aconteça por alguns motivos. Se o professor escolhido não consegue argumentar sozinho porque você é um bom candidato, então ele provavelmente não é a melhor pessoa que você deveria escolher para escrever sua carta de recomendação. Além disso, escrever sobre nossos próprios méritos por si só já é extremamente difícil, fazer isso se passando por outra pessoa então, nem se fala. No máximo, forneça a quem for escrever suas cartas de recomendação pontos que acredita que poderiam ser abordados em sua carta, idealmente que estejam bem conectados com o restante da application. E atenção, os comitês de seleção são experts em identificar “a voz do próprio candidato” nas cartas de recomendação.

A terceira parte da *application* é o seu currículo profissional, incluindo, sempre que possível, suas atividades extracurriculares. Para muito além de ótimas experiências profissionais em grandes instituições, é muito importante que você invista em atividades extracurriculares que estejam alinhadas à área temática do programa de interesse. Por exemplo, se você está aplicando para um mestrado em políticas públicas, quais são as suas atividades fora da sala de aula que comprovam o seu interesse em políticas públicas? Caso você não tenha muitas atividades extracurriculares, seja porque precisou trabalhar na graduação e/ou teve que exercer a maternidade/paternidade desde cedo, é muito importante que isso fique claro no último componente da application: a carta de apresentação.

A carta de apresentação é, ao meu ver, a parte mais importante da sua *application*, pois é nela que você vai trazer a sua narrativa de vida e as motivações para cursar o programa pleiteado, conectando todas as outras partes de sua candidatura. Isso significa que você terá que “amarrar” todos os demais componentes da *application* dando sentido e coerência para eles, da forma mais genuína e menos clichê possível. Uma boa carta de apresentação deve conter, de maneira sucinta e convincente, quais desafios você enfrentou, o que você aprendeu com eles e como eles te levaram a tomar as decisões que tomou

(refletidas no seu currículo e histórico escolar). Você precisa argumentar porque você merece estar naquele programa e como você pretende contribuir naquela área ao se formar. É fundamental que você também descreva, ou melhor, transpore as habilidades socioemocionais que adquiriu ao longo da sua trajetória, como resiliência, criatividade, responsabilidade, auto-confiança, etc. Mas note, seja sempre sincero e explicita na sua narrativa as conexões lógicas. Você precisa demonstrar como você foi capaz de desenvolver essas habilidades. No anexo deste Guia, caso sirva de exemplo, você encontrará as cartas de apresentação que eu enviei no meu *application* para as Universidades de Chicago e de Harvard, únicas em que me candidatei (aprovado em ambas mesmo com uma pontuação pífia no GMAT).

Em geral, somente após fecharem a lista dos alunos admitidos no programa é que o comitê de seleção avalia a concessão de bolsas. Para isso, as universidades americanas levam em consideração dois fatores. O primeiro deles é a diversidade, em todos os seus aspectos. Por mais paradoxal que seja, as pessoas que menos acreditam que podem conseguir uma bolsa (e ser admitidas) são as que mais têm chance de conseguí-las. A principal questão nesse caso é que essas pessoas precisam se preparar mais, justamente por virem de um contexto socioeconômico menos privilegiado. Se esse for o seu caso, antes de mais nada, é fundamental que você se dedique muito ao inglês, pois eu particularmente acredito que este é o principal fator que determina quem terá condições de aplicar ou não, sendo, na maioria das vezes, o primeiro e maior filtro de exclusão em todo o processo seletivo.

O segundo critério que o comitê utiliza para avaliar as *applications* é a solidez da narrativa apresentada. Os norte-americanos valorizam muito trajetórias não-lineares, por meio das quais aprendemos também, e sobretudo, sobre a vida em si. Entendo que o conceito de meritocracia que eles utilizam é muito diferente daquele normalmente usado no Brasil. Na “versão brasileira”, o que normalmente prevalece são os títulos que a pessoa tem no currículo, como USP, ITA, FGV, PUC, Empresa X ou Y, e etc. Por lá, o que realmente importa é a jornada percorrida, a complexidade dos desafios enfrentados e, acima de tudo, como ela te transformou para melhor como ser humano. Por exemplo, se você é o primeiro da sua família a fazer uma faculdade (comumente chamados de *first-generation students*) e/ou enfrentou muitas dificuldades desde cedo, explicita isso na sua narrativa pois é isso que vai determinar se você tem mérito para conseguir a bolsa além da admissão em si.

Por fim, é importante sermos realistas e termos em mente que a probabilidade de ganhar uma bolsa integral para programas de mestrado nos Estados Unidos é baixa. A grande

maioria das universidades americanas só concede bolsas parciais. Nesse caso, você vai precisar recorrer a opções alternativas de financiamento como empréstimo, vez ou outra concedidos pela própria universidade (caso o valor não seja muito alto), ou bolsas externas à universidade. Uma outra opção é que, dependendo do programa para o qual você vai aplicar, você pode (e deve) passar alguns anos trabalhando (e economizando) antes de se candidatar. Em última instância, se você foi aceito na universidade dos seus sonhos mas não conseguiu bolsa o suficiente (ou ficou na lista de espera) e entende que é uma chance única, você pode (e deve) entrar em contato com *admission office* e pedir reconsideração da bolsa, reforçando sua trajetória e desafios financeiros de maneira bem convincente.

Vale lembrar que os programas de PhD, em sua grande maioria, cobrem todos os custos dos estudantes aprovados durante todo o programa. Ou seja, o grande desafio neste caso é ser admitido, pois o número de vagas para esses programas é significativamente inferior e o perfil almejado por esses programas é indispensavelmente de destaque acadêmico e com foco de pesquisa pertinente. Nestes casos, essas “variáveis” precedem todas as demais no processo seletivo.

Em suma, a “receita” para potencializar suas chances de realizar o sonho do mestrado nos Estados Unidos é composta dos seguintes ingredientes:

- ┌ **Comprovação de que você tem condições acadêmicas de se sair bem no programa almejado (refletida sobretudo em suas notas);**
- Comprovação de que você tem proficiência mínima em inglês (C1 ou C2 no Marco Comum Europeu, independente do teste realizado);**
- Evidências de que aquele programa é alinhado ao seus objetivos pessoais e profissionais;**
- Evidências de que você tem potencial para contribuir para o programa (e para a sociedade); e**
- Uma narrativa sólida, coerente, genuína e envolvente.**



2. Como aplicar para o doutorado no exterior?

Introdução

[Gilberto Nogueira¹](#)

Doutorando em Economia pela Universidade da Califórnia, Davis (UCDavis)

[Daniel Araújo²](#)

Doutorando em Economia pela Universidade de British Columbia (UBC)

O processo de candidatura a um doutorado no exterior é caro, complexo e muitas vezes o desconhecimento desencoraja os alunos, em especial os candidatos em maior condição de vulnerabilidade. O presente trabalho consiste na elaboração de um guia contendo informações que podem facilitar o seu *application*. Ao longo das seções que se seguem, discutiremos todos os requisitos para a realização dessa atividade da melhor maneira possível e apresentaremos um passo a passo para cada etapa necessária.

O processo de *Application* para o Doutorado no exterior começa com a escolha da Universidade de destino por parte do candidato, e se desdobra em 5 componentes principais. São eles: as Cartas de Recomendação, a Carta de Intenções (*Statement of Purpose*), os Exames Padronizados (GRE e Toefl-iBT), a apresentação dos Históricos Escolares e o envio de uma “*Writing Sample*” ou de um projeto de pesquisa. No presente trabalho serão apresentadas dicas e sugestões para cada uma destas etapas, de forma a orientar a realização de uma candidatura mais eficaz. As Universidades buscam, a partir desses componentes, inferir as capacidades dos candidatos, como alunos e como futuros pesquisadores. Deve-se manter isso em mente durante a elaboração dos documentos e na busca por recomendações.

1 University of California, Davis, e-mail: gilberto.nogueira@ufpe.br.

2 University of British Columbia and GAPPE, e-mail: daniel.mendoncaaraujo@ufpe.br.

É importante ressaltar que este não é o primeiro guia com intenção de ajudar alunos que desejam estudar no exterior. No presente ano de 2021 já foram elaborados dois excelentes trabalhos com dicas sobre o processo de *Application*, Chakravorty et al. "[Applying to PhD Programs in Economics: An Extensive Guide](#)" e Brito et al. "[Aplicando para programas de pós-graduação no exterior](#)". Nossa intenção não é de substituir esses guias, mas complementá-los com a extensão de alguns pontos considerados úteis para que os candidatos tenham uma maior possibilidade de aprovação.

O restante deste capítulo será organizado como segue: na seção seguinte, apresentaremos sugestões de como realizar a escolha das universidades para incluir nas suas listas de interesses. A seção 3 detalha todos os componentes de um *Application*, a começar pela subseção de *Background Acadêmico*, onde discutiremos os pontos relevantes da formação esperada pelos comitês de avaliação. Na subseção seguinte serão discutidas as cartas de recomendação e apresentaremos dicas para a seleção dos professores. Em seguida, analisaremos os Exames padronizados, GRE e Toefl-iBT, e indicaremos sugestões de preparação. Na próxima subseção realizaremos uma decomposição da escrita do seu *Statement of Purpose* e será proposta uma estrutura de organização. Concluiremos a seção apresentando dicas de como avaliar a qualidade de uma ideia de pesquisa, como se manter atualizado com a literatura e como estruturar a introdução de um *Writing Sample*. A seção 4 mostra os custos aproximados do processo de *Application*. A seção 5 conclui o trabalho e apresenta outras fontes de informação.

Escolha das Universidades

O processo de aplicação envolve riscos e, muitas vezes, apresenta custos altos por universidade tentada (Custos médios de 80USD). Deste modo a decisão sobre quais centros receberão a aplicação da candidatura deve ser estratégica e pensada com foco no longo prazo. Sobre aspecto, a principal dica que pode ser dada é: Converse com alunos do seu departamento que aplicaram em anos anteriores. Precisa-se levar em consideração que Universidades que já receberam alunos do seu departamento no passado tem uma probabilidade muito maior de aceitar novos alunos no futuro. Essas Universidade precisam receber um tratamento especial na composição da sua lista de interesses.

Cabe salientar que existe a possibilidade de que um *application* perfeito e mirando em uma universidade que já recebeu alunos com *background* similar ao seu não assegure a aprovação. Isso pode dever-se a uma grande quantidade de motivos, como mudanças na regras de seleção ou até mesmo uma quantidade grande de alunos com bons *applications* miran-

do nessa universidade nesse ano específico. Para lidar com este tipo de ruído da seleção sugerimos que você aplique para um grande número de centros (10 universidades pode ser um bom número). Além disso, tente ranquear os centros de acordo com a probabilidade esperada de aprovação. Divida os centros desejados em três grupos: Centros Seguros; Centros Moderadamente arriscados; e Centros arriscados. Procure balancear o número de centros de interesse em cada uma dessas categorias para maximizar suas chances de aprovação em relação ao nível médio dos centros. Essa estratégia vai permitir uma diversificação importante dos seus riscos.

Mas como saber quais Universidades são melhores?

Existem diversos Rankings de Universidades, normalmente as universidades são ranqueadas por nível de produção acadêmica, mas existem diversos critérios diferentes, como placement dos alunos egressos. O site da [American Economic Association](#) possui uma grande quantidade de rankings com critérios alternativos. Alguns dos rankings mais importantes são os seguintes:

- [Us News](#)
- [Ideas-RePEc](#)
- [Tilburg Ranking](#)

Para tomar uma decisão acertada pesquise bem os sites dos departamentos. Avalie os currículos dos professores e suas linhas de pesquisa. É importante que você vá para lugares que possuam linhas de pesquisa em temas que você considere interessantes, entretanto, não vincule a sua decisão a um único professor, pois existe a possibilidade de que ele deixe o departamento. A sua escolha por um departamento específico deve ser equilibrada entre a linha de pesquisa, o corpo docente e o nível da universidade.¹ Outro ponto que deve ser levado em consideração é a qualidade e a regularidade dos *Placements* dos alunos egressos das universidades pretendidas, pois muito provavelmente serão as ofertas que você terá quando estiver formado. Observar esse ponto já na entrada permite um alinhamento de expectativas e pode reduzir bastante decepções futuras. Tente trocar e-mails com alunos concluintes recentes do curso no programa de interesse, pergunte quais suas perspectivas futuras. Por fim, leve em consideração algumas características do local, ainda que pareça um ponto menor, você precisa entender que provavelmente vai passar os próximos 5 ou 6 anos morando nesse país, então se você acredita que pode ter problemas de adaptação isto deve ser mantido em vista.

¹ Essa pesquisa sobre as linhas do departamento será muito importante também para a elaboração do statement of purpose.

Etapas do Application

1. Background Acadêmico

Um dos principais requisitos solicitados por programas de Ph.D. é o seu Background Acadêmico. Desta forma, apresentar um histórico com boas notas pode fortalecer bastante seu *Application*. Os programas tem regras que variam bastante, porém, além do desempenho geral espera-se que o candidato tenha uma bagagem matemática robusta e o aproveitamento nestes cursos chama a atenção das Bancas examinadoras de maneira diferenciada. Os principais cursos sugeridos pelos programas são:

- Álgebra linear
- Geometria analítica
- Cálculo Uni e Multivariado
- Estatística e Econometria

Além destas disciplinas, cursos de matemática mais avançados, como Equações diferenciais, Teoria da Medida e Análise Real são fortemente encorajados. Um resumo sobre o tipo de treinamento esperado dos aplicantes pode ser encontrado no site da [American Economic Association](#). A exigência desse Background deve-se principalmente ao uso intenso desse ferramental matemático durante as disciplinas do primeiro ano (i.e. Macroeconomia, Microeconomia e Econometria). Apresentar um histórico com um bom desempenho nestas disciplinas sinaliza ao programa que você é capaz de suportar o nível do primeiro ano.

Mas e se você teve períodos ruins?

Todo mundo está sujeito a variações de desempenho durante a vida acadêmica. E pode ser que você tenha tido dificuldades em manter o desempenho em alguma disciplina. Se este é o seu caso, fique tranquilo. Isto não significa que você não tem mais chances. Apenas tente, se possível, refazer as

disciplinas. Muitas universidades no Brasil permitem essa opção. Além de ajudar na sua Aplicação, fazer uma disciplina pela segunda vez permite que você se aprofunde bem mais nos conteúdos, o que pode ajudar durante o primeiro ano. Outra possibilidade é utilizar o seu *Statement of Purpose* para discutir o que aconteceu e como você superou este problema. Caso seu deslize tenha sido durante o período de graduação e você já se encontre na pós-graduação, pode ficar mais tranquilo porque o foco dos comitês de avaliação é maior nas disciplinas do mestrado. Além disso, lembre que a avaliação de uma candidatura é uma análise conjunta de diversos componentes e é sempre possível compensar um rendimento insatisfatório com desempenhos acima da média em outras áreas.

2. Cartas de Recomendação

A maior parte das faculdades de economia exige o envio de 2 a 3 cartas de Recomendação. Esse componente é o coração da sua aplicação, deste modo, a escolha dos professores deve ser realizada com muito critério. O ideal é que além da interação de ter cursado uma de suas disciplinas exista algum contato extra-classe, como a realização de pesquisas ou atividades de orientação. Cabe ressaltar que professores com pesquisas publicadas em boas revistas internacionais ou que tenham boas relações no exterior tem um peso extra muito forte. Entretanto, tenha atenção, pois uma recomendação genérica elaborada por um professor que não o conheça bem pode deixar de ressaltar aspectos importantes do seu desempenho. Peça que o seu professor justifique as avaliações escritas na sua Carta de Recomendação.

É importante que o professor pontue os adjetivos por meio de situações descritivas do desempenho. Os comitês de avaliação têm dificuldade de comparar o desempenho de um aluno diferentes classificados como "excelente", sem uma descrição das atividades realizadas.

É importante também que o professor diga de que maneira você se compara com outros alunos do seu *cohort*, pois esse ponto é fundamental para que as Universidades sejam capazes de diferenciar escalas de notas entre países. Para aumentar as chances de uma boa carta de recomendação, comunique aos seus professores a sua pretensão com antecedência. Caso o professor tenha pouco tempo para escrever, ainda que queira lhe ajudar, a carta pode não ficar bem escrita se o intervalo de comunicação for curto. Por fim, caso seu *deadline* esteja se aproximando não hesite em cobrar, professores recebem muitas demandas e pode existir a possibilidade de esquecimento.

Escolha professores que possam falar sobre suas competências em diferentes áreas. Tente escolher professores que conheçam sua história de vida, mas também possam falar sobre sua habilidade como pesquisador, criatividade e desempenho como aluno. O ideal

é que ao menos um dos seus professores trabalhe com pesquisa e possa falar das suas potenciais qualidades como pesquisador. Procure ainda interagir com professores de fora da sua universidade pois esse pode ser um importante adicional para o seu *Application*. Busque participar de cursos de verão como o “[Curso Avançado de Avaliação Econômica de Políticas Públicas e Projetos Sociais](#)” do Itaú-Social ou o Curso de verão do [Ridge-Lacea](#). Além dessas experiências contribuir muito para sua formação como pesquisador podem criar contatos que se convertam em cartas de recomendação no futuro.

Finalmente, fique atento a oportunidades de *Research Assistant* (RA), essas posições tem sido muito utilizadas em períodos recentes para fortalecer o *Application* de alunos interessados. Além de um grande ganho de experiência de pesquisa, em geral, fornecem cartas de recomendação bem mais fortes que as geradas apenas pela sua participação em um curso avaliado pelo professor. Essas vagas são bastante compartilhadas no Twitter.

3. Exames Padronizados

3.A. Graduate Record Examination

O *Graduate Record Examination* (GRE) é um exame padronizado muito utilizado pelas universidades no exterior para ranquear os conhecimentos em matemática dos alunos internacionais aplicantes. Aplicado pelo *Educational Testing Service* (ETS). O GRE é uma prova adaptativa e dividida em três seções: uma seção verbal, uma seção quantitativa e uma seção de redação. As seções quantitativas e verbais são divididas em dois blocos adaptativos. No primeiro bloco o estudante receberá uma prova de nível médio e dependendo do seu desempenho neste bloco o bloco seguinte pode ser de nível fácil, médio ou difícil. Cada bloco quantitativo é composto por 20 questões com um tempo de 35 minutos. A prova verbal possui 20 questões e um tempo de 35 minutos por prova. Além desses blocos existe um bloco teste aleatório que pode ser tanto verbal quanto quantitativo e que não vale nenhuma pontuação. Por fim, a prova de escrita é composta por duas redações de 30 minutos cada. As notas nas provas verbais e quantitativas variam de 140 a 170, enquanto a prova de redação é avaliada de 0-6.

De maneira geral, o principal sinalizador de desempenho para as universidades é o seu aproveitamento na seção quantitativa do teste, com boa parte dos centros exigindo uma nota mínima de 163 e uma nota acima de 167 (percentil 90) sendo considerada muito boa. Em muitas universidades o desempenho nas provas não quantitativas é totalmente ignorado, entretanto isto pode variar entre departamentos. Indica-se notas acima de 155 para as seções verbais e notas acima de 4 para a seção escrita. É importante salientar

que embora seja possível compensar um desempenho mediano no GRE com outros componentes do *Application*, você precisa ter em mente que deve ao menos alcançar a nota mínima para que seus documentos sejam avaliados. Muitas vezes a retirada do processo de candidatura com rendimento abaixo do mínimo é realizada de forma automática, sem a possibilidade de interferência de membros do comitê avaliador.

No Brasil, o GRE pode ser realizado presencialmente em diversas cidades e devido a pandemia uma possibilidade que surgiu foi a de fazer o teste de forma remota. Independente do formato escolhido, caso você deseje refazer a prova é necessário esperar um intervalo de 21 dias e também existe um limite de 5 testes a cada 365 dias. Devido aos *deadlines* das universidades é preciso também levar em consideração que existe uma demora de cerca de 14 dias para o recebimento dos resultados finais.

Mas como se preparar para o teste?

A matemática exigida pelo GRE é de nível de ensino médio, por isso, boa parte do material de estudo pode ser facilmente encontrado na internet. Entretanto, a dificuldade da prova deve-se principalmente a administração do tempo. Para finalizar as provas quantitativas dentro do tempo é preciso que você resolva as 20 questões de cada seção quantitativa em menos de 35 minutos, o que exige treino mesmo que você possua boas habilidades matemáticas. Para o treinamento desse requisito de prova existe uma grande quantidade de material online com questões similares às encontradas no exame. O ETS disponibiliza 2 simulados gratuitamente.

Além dos simulados gratuitos, os principais materiais de questões utilizados para o preparo são o livro [5lb. Book of GRE Practice Problems Manhattan Prep](#) e o [GRE Prep Magoosh](#). Esses livros são excelentes, porém caso você queira comprar livros novos para se preparar este pode ser um caminho bastante caro. Por isso, tente conversar com alunos que se prepararam em anos anteriores, muitas vezes eles já possuem esses materiais e podem disponibilizar sem custo. Além dos livros, existem diversos cursos preparatórios como Magoosh, Manhattan Prep e Kaplan, sugerimos que antes de comprar algum destes cursos você realize algum dos simulados disponibilizados pela ETS para estimar seu nível de preparo. Para muitos alunos os Cursos podem não ser necessários.

Além desses materiais, o YouTube pode ser uma importante ferramenta na sua preparação. Existem diversos bons canais com informações sobre o GRE, modo de preparo, indicação de materiais dentre outras coisas. Pesquise um pouco para encontrar o canal mais adequado as suas necessidades.

3.B. Toefl-iBT

O segundo teste padronizado utilizado para selecionar os alunos é o Toefl-iBT. Também administrado pela ETS, o Toefl é composto por 4 provas. São elas o *Reading*, o *Listening*, o *Speaking* e o *Writing*. Cada uma das provas vale 30 pontos. Uma descrição detalhada da estrutura das provas pode ser encontrada no próprio site do [ETS](#). Assim como no GRE, o Toefl pode ser realizado na modalidade presencial, em alguma das cidades disponíveis, ou de forma remota. Caso você tenha interesse de refazer as provas o período de espera é de 12 dias e em geral o tempo para o recebimento dos resultados oficiais é de 7 dias.

A maior parte das universidades apresenta um ponto de corte acima de 20, para cada uma das quatro disciplinas, e um corte agregado acima de 90 pontos. Existem casos de notas requeridas ainda mais altas. Pesquise os seus departamentos de interesse com cuidado, pois as decisões de notas de corte são muito específicas de cada Universidade. Sugerimos que você mantenha uma planilha atualizada com as notas solicitadas de GRE e Toefl para cada centro. Tenha atenção para o fato de que, às vezes, decisões de auxílio financeiro podem estar vinculadas a alguma nota específica do Toefl.

Mas como se preparar para o teste?

Uma das principais fontes de preparação para o Toefl-iBT é o Youtube. A plataforma apresenta uma grande quantidade de canais com dicas e templates de resposta para os testes de *Writing* e *Speaking*, além de simulados completos das provas. Dois dos canais mais interessantes são o [Linguamarina](#) e o [PrepScholarTOEFL](#). Esses canais, se utilizados corretamente, podem representar um grande diferencial no seu desempenho.

Uma alternativa para quem deseja avaliar seu desempenho é o [Toefl Bank](#). Este site é gratuito, contém diversos simulados e um sistema de avaliação, que contempla inclusive as provas de *Writing* e *Speaking*. Deste modo, pode ser uma importante ferramenta para avaliar o seu desenvolvimento. Caso você deseje comprar algum material sugerimos que antes realize um dos simulados do Toefl Bank para ter uma real noção do seu desempenho. Além disto, converse com alunos que aplicaram em anos anteriores, muitas vezes esses alunos possuem materiais antigos que podem proporcionar redução nos custos. Os principais materiais que podem servir de partida para seus estudos são os livros da própria [ETS](#) e aquele fornecido por alguns cursos preparatórios como o [Magoosh](#).

4. Statement of Purpose

O principal intuito desse documento é ajudá-lo a convencer o comitê de seleção de que você tem um bom potencial de pesquisa futuro e uma boa adequação ao tipo de pesquisa realizada no departamento da Universidade pretendida. Deste modo, antes de começar a escrever pesquise bastante sobre o departamento de interesse. Procure as principais linhas de pesquisa, quais os interesses dos professores, além das últimas publicações realizadas. Durante essa pesquisa é preciso que se torne bem claro para você as suas motivações e o modo como esse departamento específico vai lhe ajudar a alcançar seus objetivos futuros. A sua argumentação no *Statement* deve demonstrar o quanto você está alinhado com o departamento e pode ser determinante para a sua seleção, ao proporcionar que você melhore a sua classificação relativa a propostas menos estruturadas de outros candidatos na análise da comissão. Propomos a seguinte seguinte estrutura de organização:

1. Apresentação (1 Parágrafo curto)
2. Exposição de aspectos relevantes da sua formação pessoal e acadêmica (1-2 Parágrafos)
3. Discussão dos seus Interesses em relação a suas experiências acadêmicas e de pesquisa anteriores (2-3 Parágrafos)
4. Contextualização da produção acadêmica da Universidade com os seus interesses de pesquisa (1-2 Parágrafos)
5. Conclusão (1 Parágrafo)

No início de um *Statement* você deve se apresentar. Essa apresentação deve conter seu nome, grau de formação atual, local de estudo, além do nome da universidade que você pretende aplicar e o intuito da aplicação.

A exposição de aspectos relevantes deve discorrer sobre suas experiências acadêmicas e pessoais. É importante salientar informações que são difíceis de serem inferidas dos outros componentes do seu *Application*. Procure destacar quais as suas motivações para se tornar um pesquisador e o motivo de decidir estudar neste campo específico. Tome cuidado para não consumir uma quantidade muito grande do seu espaço com esse início pois a maior parte das Universidades possui limite de 500 a 1000 palavras. Caso não esteja discriminado de maneira clara nos seus históricos, resalte algumas das disciplinas importantes na sua formação (i.e. Análise Real; Inferência Causal; Macro ou Micro economia no nível de Pós graduação; dentre outras). Se existe algum fato relevante que pode ter influenciado o seu desempenho durante a universidade (i.e. Pobreza; Doença ou Trabalho excessivo) deixe isso claro no seu *Statement*. Pois, entender como você foi capaz de

superar esses obstáculos é muito importante para que o comitê possa inferir aspectos da sua perseverança. As experiências de trabalho em áreas correlatas a que você pretende estudar na pós-graduação são importantes e este também é o momento de ressaltá-las, pois tendem a ser valorizadas pelos departamentos.

A discussão dos seus interesses acadêmicos deve conduzir a maior parte do seu *Statement*. Discorra de maneira clara e objetiva sobre sua área de interesse e linhas em que deseja pesquisar no futuro. É importante que ao menos em um parágrafo você demonstre aos professores que de fato entende o tipo de pesquisa realizada na fronteira. Discuta também trabalhos acadêmicos em que já teve participação, deixe claro qual o seu papel na elaboração dos mesmos (Coleta de dados, Estimação, formulação das Hipóteses, Escrita) e a contribuição dessa experiência para a sua formação dos seus interesses como pesquisador.

Contextualize sua argumentação com o uso das informações coletadas sobre as pesquisas em curso no departamento para sinalizar sobre o alinhamento dos seus interesses com o ambiente acadêmico específico. Nesse momento, pode ser importante nomear um ou dois professores do departamento que estão com pesquisas correlatas aos seus interesses e falar brevemente sobre os aspectos que lhe chamaram a atenção nesses trabalhos. Conclua seu *Statement* retomando o quanto você acredita que esta universidade pode ser importante para que você alcance seus objetivos futuros e agradeça ao comitê pelo tempo dedicado a leitura.

Observe, ainda, algumas dicas retiradas diretamente dos comitês de algumas faculdades: Use sempre a voz ativa durante a escrita; Evite se repetir; Não utilize palavras que não conheça bem; Sempre discuta seus pontos fortes utilizando exemplos; e, solicite a amigos que leiam seu *Statement* para fornecer *feedbacks*. Nos links a seguir algumas universidades fornecem guias com dicas e mais alguns detalhes importantes sobre como escrever um bom *Statement of Purpose*.

- MIT - [Statement of Purpose Guidelines](#)
- Berkeley - [Statement of Purpose Guidelines](#)

5. Writing Sample

Muitas universidades exigem o envio de uma amostra da sua habilidade de escrita acadêmica, que pode ser um artigo, um *Working Paper* ou ainda de um projeto de pesquisa. O intuito desse pedido é perceber se você realmente entende como se estrutura a escrita de um trabalho científico, além de sua habilidade de realizar perguntas relevantes. Não se es-

pera que um aluno aplicante ao Doutorado já possua um artigo pronto para ser publicado em uma revista de alto nível. O objetivo dos comitês é avaliar sua habilidade de escolher um tema interessante e desenvolvê-lo ainda que de maneira preliminar. Nas universidades que solicitam uma *Writing Sample*, os estudantes normalmente enviam seus trabalhos de conclusão do curso de mestrado ou um curto projeto de pesquisa (entre 5 e 10 páginas). Comparando com Universidades americanas que em geral priorizam histórico e testes padronizados, é possível perceber uma sensibilidade maior de algumas universidades europeias a componentes como *Writing Sample* ou Projeto de pesquisa. Deste modo, apresentar um bom componente de pesquisa pode ter um papel crucial na sua aprovação. Nesta seção iremos discutir algumas dicas sobre como obter uma pergunta interessante para um projeto, como se manter atualizado em relação aos avanços da literatura e especificamente sobre a escrita de trabalhos acadêmicos.

5.A. Como obter uma pergunta relevante

Uma boa ideia de pesquisa surge de união de três requerimentos principais, uma ideia interessante, bem definida e factível. (Ver [Zeidan \(2020\)](#)) Muitas vezes os alunos tem dificuldade de alcançar esses pontos escolhendo temas grandes demais para serem respondidos, ou ainda ideias interessantes mas impossíveis de serem testadas. Ao pensar em uma ideia de pesquisa tenha sempre em mente que tipo de métodos você pretende usar para responder sua pergunta. Se manter pensando no método é um importante passo na direção de escolher perguntas factíveis e bem definidas. Entretanto, provavelmente a pergunta mais importante a se fazer é:

Como saber se minha ideia é interessante?

[Don Davis](#) ressalta que, ainda que a palavra interessante possua um significado um pouco subjetivo, existem alguns sinais que podem indicar se a sua ideia é interessante e importante. Primeiramente, busque investigar: o tema no qual a minha pergunta está inserida é importante? Procure responder de maneira clara, objetiva e convincente por que motivo as pessoas deveriam se preocupar com o seu grande tema.

A partir do momento que você já está convencido de que o seu tema é importante, deve se perguntar: A minha ideia de pesquisa é nova? Nesse momento é preciso descobrir se já existem outros trabalhos respondendo a pergunta que você pretende estudar. Em geral a maneira mais rápida de responder a esta pergunta é conversando com colegas que estudem a área. Conversar com seus colegas e professores pode lhe poupar bastante tempo. Em seguida, a partir de leituras de revisões de literatura e pesquisas no Google é possível

perceber se existem outros trabalhos com perguntas iguais ou similares a que você pretende responder. Caso, não encontre trabalhos relevantes a probabilidade é de que o seu questionamento seja novidade. Mas não assegura relevância ao mesmo.

O que eu tenho a dizer de novo sobre o tema é importante? Muitas vezes as contribuições que seriam realizadas por um trabalho, ainda que novas, são tão marginais que não podem ser consideradas importantes. Um exemplo disso é a replicação de um trabalho sobre desigualdade realizado nos Estados Unidos para um país subdesenvolvido como o Brasil.

É seguro afirmar que o tema da desigualdade é um tema importante e, por se tratar de uma replicação para um novo cenário, essa ideia apresenta algum componente de novidade. Entretanto, caso não existam razões relevantes pra imaginar que os resultados devam se comportar de maneira diferente, ainda que em um tema importante e com alguma novidade, a contribuição permanece marginal. A situação se modifica se você tiver motivos para acreditar que a mesma avaliação realizada em um país subdesenvolvido deve apresentar resultados contrários ao esperado pela literatura. Isto faz com que a ideia seja parte de um tema relevante, apresente alguma novidade e se torne uma contribuição importante, por avançar a fronteira do campo com um conhecimento que não se tinha anteriormente.

Algumas dicas rápidas presentes em boa parte dos guias de Professores sobre como se ter ideias são:

- Se mantenha informado sobre o que é a fronteira de pesquisa da sua área (Na seção seguinte damos alguns direcionamentos sobre como se manter a par do que esta sendo produzido).
- Mantenha uma listagem de pesquisadores considerados importantes nas suas áreas de interesse e leia seus *Working Papers*. Trabalhos em economia demoram muito tempo para serem publicados, as pesquisas mais novas permanecem como *Working Papers* por bastante tempo.
- Assista seminários do seu departamento.
- Se mantenha ativo no seu grupo acadêmico, converse sempre com colegas e professores.
- Leia Jornais e outros materiais não acadêmicos Esses materiais muitas vezes podem fornecer bons *insights*.
- Leia materiais acadêmicos de outras áreas. Testar empiricamente utilizando métodos econômicos grandes teorias de outras áreas como antropologia e história pode gerar trabalhos muito interessantes.

As dicas apresentadas não esgotam as orientações sobre a formação de uma ideia de pesquisa. Esse é um processo pessoal e sujeito a muitas variações. Indicamos a seguir alguns guias importantes sobre como obter uma ideia de pesquisa interessante:

- Ariel Rubinstein - [10 QA: Experienced Advice for “Lost” Graduate Students in Economics](#)
- Don Davis - [Ph.D. Thesis Research: Where do I Start?](#)
- Hal Varian - [How to build an economic model in your spare time](#)

5.B. Como se manter atualizado aos os avanços da Literatura

Acreditamos que se manter a par das atualizações da literatura pode ser um importante ponto de partida para se obter uma pergunta relevante. Construa uma lista de periódicos e pesquisadores de referência e mantenha sempre atualizada pois esse contato com as pesquisas recentes podem lhe permitir perceber gaps na literatura e pontos a serem desdobrados em novas investigações. Mas nesse ponto surge a dúvida: Quais são os bons periódicos?

Em geral, o ranqueamento de revistas é feito a partir de cálculos de fator de impacto e ao longo dos anos foram surgindo alguns rankings diferentes. Um destes é o [CL-index](#), que, apesar de um pouco desatualizado (não apresenta algumas revistas importantes como os AEJ's e TE/QE), é uma listagem bem completa com um número elevado de periódicos. Existem ainda [vários outros rankings](#) mais recentes e que tentam ser mais inclusivos em relação às revistas mais recentes. Outro desses rankings que vale a pena ser mencionado é o [Repec](#). Este ranking é atualizado com bastante frequência e pode ser utilizado para entender a relevância das revistas. Entretanto é importante ter em mente que esses rankings são apenas aproximados, pois, a depender da sua área específica, algumas revistas podem ser mais importantes que outras independente do fator de impacto geral.

Alguns periódicos fazem ainda um trabalho muito importante de revisão de literatura, como o [Journal of Economic Literature](#) e o [Journal of Economic Perspectives](#). Nesses *Journals* pesquisadores importantes são convidados para escreverem artigos revisando o estado da arte de suas áreas de especialização. Em geral os artigos são muito detalhados e apontam os principais avanços e gaps da literatura. A partir da leitura das edições de seu interesse é possível criar uma listagem de autores e acompanhar suas atualizações. Especificamente para os interessados em crime, a professora Jennifer Doleac mantém atualizada uma lista de [todos os artigos relacionados a crime](#) publicados em bons *Journals* de economia. A professora mantém ainda um conjunto de doze *threads* de revisão de lite-

ratura sobre os mais variados temas e que pode ser um importante pontapé inicial para a elaboração da sua ideia de projeto. As *threads* de revisão acompanhadas são as seguintes:

- [Pesquisas sobre violência armada](#)
- [Pesquisas sobre a reentrada de prisioneiros](#)
- [Pesquisas sobre como a assistência pública afeta a reincidência criminal](#)
- [Pesquisas sobre violência doméstica, agressão sexual, assédio sexual e perseguição](#)
- [Pesquisas sobre imigração e crime](#)
- [Pesquisas relacionadas ao consumo e aos mercados de maconha](#)
- [Pesquisas sobre bruxas e julgamentos de bruxas](#)
- [Pesquisas sobre educação e crime](#)
- [Pesquisas sobre as externalidades do encarceramento](#) (efeitos nas famílias e filhos dos encarcerados)
- [Pesquisas sobre preconceito de gênero em economia](#)
- [Pesquisas sobre insegurança habitacional e políticas relacionadas](#)
- [Pesquisas sobre como melhorar o policiamento](#) (reduzir prisões desnecessárias, uso de força, preconceito racial, etc.).

5.C. Como escrever um trabalho Científico

Dicas de escrita

Considerando que você já tem um tema, o passo relevante que se segue é entender como escrever o seu trabalho. Uma das principais falhas apontadas em artigos científicos é a má estruturação dos seus argumentos. Muitas vezes os autores se estendem no texto sem apresentar a pergunta de pesquisa, ou apresentam revisões de literatura apenas citando os artigos sem construir um diálogo com a sua contribuição. Esses problemas podem ser bem graves na medida que facilitam a perda de interesse do leitor, e em especial do comitê de avaliação. No intuito de propor uma solução para este tipo de problemas, sugerimos o uso da estratégia de organização discutida por [David Evans](#) para introdução de artigos empíricos em economia. O autor indica a seguinte estrutura de organização:

1. Apresente a relevância do seu tema (1–2 Parágrafos)
2. Estabeleça de maneira clara a sua pergunta (1 Parágrafo)
3. Apresente a sua estratégia empírica (1 Parágrafo)
4. Detalhe os resultados e apresente testes de robustez (3–4 Parágrafos)
5. Revise a Literatura criticamente e aponte o valor agregado pela sua contribuição (1–3 Parágrafos)
6. Apresente a organização do restante do trabalho (1 Parágrafo)

Nos primeiros parágrafos você deve apontar a relevância do seu tema. Discuta de maneira direta e apresente argumentos estruturados que convençam o leitor sobre o porquê do seu tema de pesquisa ser interessante. Uma estratégia utilizada por muitos escritores para esse início consiste em apontar a relevância de um grande tema no primeiro parágrafo e, em seguida, acentuar a forma como o seu trabalho de pesquisa se articula com o tema referido. São alguns exemplos [Muralidharan](#) et al. e [Celhay](#) et al.. Além desta, existem diversas outras formas de motivar um artigo, [David Evans](#) discute em detalhes mais algumas no seu guia de escrita.

No segundo ou terceiro parágrafo já se deve apresentar a sua pergunta de pesquisa. A falta desse questionamento nos primeiros parágrafos dificulta a formação de um entendimento sobre a direção da pesquisa. Esse retardo pode inclusive fazer o leitor não entender o propósito do seu trabalho e se desinteressar pela leitura. No parágrafo seguinte, ou ainda no parágrafo da pergunta de pesquisa, você deve apresentar, também de maneira direta, qual a sua estratégia empírica. Isso faz com que professores mais experientes que estejam lendo percebam o que esperar do seu trabalho. Após discutir sua estratégia você deve discutir os seus resultados em alguns parágrafos, podendo inclusive incluir um parágrafo falando sobre os testes de robustez realizados, a relevância para política pública da sua pesquisa e possíveis limitações. Caso se trate de um projeto de pesquisa, deve-se apresentar uma discussão sobre os resultados esperados.

A revisão de literatura na introdução do trabalho deve ser realizada de maneira crítica. Desde o início deve-se indicar quais ramos na literatura se aproximam do seu trabalho e, na sequência, indicar a forma com a qual o seu trabalho a complementa. Alguns trabalhos fazem uma revisão simplesmente expositiva que pode passar uma imagem de pouca profundidade. A fim de evitar esse problema, a revisão não deve ser uma enumeração das contribuições dos autores referenciados, deve haver um diálogo entre a bibliografia citada e a construção pretendida no seu trabalho.

No fechamento da introdução, apresente um parágrafo com um mapa do que será discutido em cada uma das seções que seguem a introdução. Lembre-se sempre de utilizar a voz ativa durante a escrita e seja direto, pois em idiomas como o português utilizamos muito a voz passiva, mas isso não é bem visto na escrita de trabalhos científicos. Por fim, apesar da estrutura que apresentamos ser para um trabalho empírico, acreditamos que algumas modificações dessa organização permitem utilizá-la em trabalhos de natureza teórica.

Existe um grande número de Guias sobre como escrever bem em Economia. Abaixo separamos os links de alguns que consideramos mais interessantes.

- David Evans - [How to Write the Introduction of Your Development Economics Paper](#)
- Plamen Nikolov - [Writing Tips For Economics Research Papers](#)

┌ Custos do Processo

Aplicar para um programa de Doutorado no Exterior tem custos bem altos. O GRE tem um custo de 205 USD além do pagamento por Universidade de 27. Já o Toefl-iBT tem um custo de 215 USD com um gasto adicional por Universidade de 20 USD. Tanto para o GRE quanto para o Toefl-iBT o envio para até 4 universidades é isento de custos adicionais. Além destes custos, a maior parte dos departamentos exigem um pagamento para que a sua aplicação seja avaliada. Os valores destes pagamentos variam em geral de 80 a 200 USD, com um custo médio de 90 USD. Entretanto, existem diversas universidades (Principalmente na Europa) que não apresentam este custo, como a University of Nottingham, Bocconi University, a Stockholm School of Economics e a ETH Zurich. Existe ainda a possibilidade de solicitar a isenção do pagamento destas taxas por Departamento. Muitas universidades disponibilizam formulários para este tipo de

solicitação. Se você não encontrar um formulário para alguma universidade específica tente entrar em contato com o departamento por e-mail. No twitter, [Ifeanyi Okpala](#) e [Hai-ley Brace](#) possuem threads discutindo como solicitar esse tipo de isenção.

Outro ponto para se levar em consideração é que algumas universidades solicitam o envio de traduções juramentadas. Cada uma dessas traduções tem um custo médio de 80 reais. Porém, pode ser possível encontrar valores menores. Considerando que um aluno geralmente realiza as traduções dos diplomas de mestrado, graduação e dos históricos, estimamos que esse valor deve girar em torno de 320 reais. Entretanto a maior parte das universidades apenas solicita estes documentos oficiais após a aprovação, e aceitam traduções preliminares durante o período de seleção. Na tabela 1, apresentamos todos esses custos esperados.

Tabela 1. Custos de Aplicação

	Custos fixos	Custos variáveis
GRE	205 USD	20 USD por Universidade
Toefl-iBT	215 USD	27 USD por Universidade
Taxa por Universidade	-	~90 USD por Universidade
Traduções	~60 USD	-
Custos Totais	480 USD	~137 USD por Universidade

A aplicação para o Doutorado é um processo caro, portanto, planeje durante o mestrado, tão cedo quanto possível, o seu processo de candidatura para torná-lo mais fácil. Muitas vezes ao descobrir os custos do processo alguns alunos acabam abandonando o sonho, em especial os alunos mais pobres. Por isso, indicamos que após tomada a decisão de aplicar você busque conversar com o seu orientador e com outros professores. Existem algumas maneiras de professores de pós-graduação conseguirem renda extra para seus alunos, tais como, bolsas de assistente de pesquisa ou monitorias remuneradas. Porém, eles só serão capazes de ajudar caso saibam do seu desejo. Além do que não foram poucas as vezes que tomamos conhecimento de professores que arcaram com alguns custos para que seus alunos não desistissem de se candidatar. Deste modo, reiteramos a indicação de que você não desista antes de conversar com alguns professores do seu departamento.

Conclusão

O objetivo desse guia não é ser exaustivo no que diz respeito aos procedimentos, mas indicar um conjunto de atividades simples que podem ser efetivas para a obtenção de um resultado satisfatório. Diversos outros guias já foram elaborados e são referências para pesquisas mais detalhadas, mas sempre haverá necessidade de novas atualizações uma vez que o processo está sujeito a muitas mudanças a cada ano, além de se constituir de experiências muito pessoais, que permitem diferentes abordagens na solução dos problemas presentes no processo de aplicação.

A seguir listamos um conjunto de outras fontes de informação em ordem cronológica:

- ↳ Brito et al. (2021) "[Aplicando para programas de pós-graduação no exterior](#)"
 - Chakravorty et al. (2021) "[Applying to PhD Programs in Economics: An Extensive Guide](#)"
 - Cueva et al. (2021) "[Guía para aplicar al PhD de Economía](#)"
 - Athey (2020) "[Professional Advice](#)"
 - Christian (2020) "[Applying to Economics PhD Programs Memo](#)"
 - Blattman (2017) "[Applying to Economics PhD Programs Memo](#)"
 - Saffi (2003) "[PhD Application for Dummies](#)"
- ↳

The image shows two young women in professional attire, possibly in a meeting or office setting. They are both wearing glasses and are looking at a document held by the woman on the right. The woman on the left is wearing a white shirt and light-colored pants, while the woman on the right is wearing a dark blazer and patterned pants. The entire image is overlaid with a semi-transparent blue filter. The text is centered in the middle of the image.

Como me inserir
**no mercado
de trabalho**

?

Como me inserir no mercado de trabalho?

1. Quero ir para o mercado financeiro

Cassiana Fernandez

Economista-Chefe do JP Morgan

Quinze anos. Foi o tempo que passou, desde o meu primeiro emprego no mercado financeiro, no final dos anos 90, para eu viver uma cena, ainda rara, mas que já deixou de ser tabu por aqui; sentar numa mesa de reuniões com equipes lideradas por mulheres ou que tenham mais mulheres que homens.

A carreira no mercado financeiro pode ser fascinante, instigante, recompensadora e dinâmica. Mas, também, exigente e dura, especialmente se você é mulher. Isso não é chavão. São fatos. Quando comecei, trabalhando numa empresa de consultoria econômica, praticamente não existiam mulheres em posição de destaque e liderança no Brasil. Hoje, esse quadro mudou bastante, mas ainda estamos longe da realidade, já quase corriqueira, que se vê nos Estados Unidos ou em diversos países da Europa. Já é possível observar, aqui no Brasil, uma mudança de comportamento, quase sempre influenciada por lideranças de fora ou pela própria sociedade.

Cada vez mais, as instituições estão buscando ativamente diversificar seus quadros. O que era tendência, hoje é a nova realidade. A busca por diversidade no mundo corporativo vai além da questão de justiça social. É também uma decisão estratégica para o longo prazo. As empresas perceberam que buscar talentos apenas em uma parcela restrita da sociedade é mais custoso e ineficiente. A razão é simples: os talentos são distribuídos homogeneamente entre as pessoas, independente do gênero, cor da pele, orientação sexual ou classe social. E, para alcançar esse objetivo, também perceberam que deveriam investir mais na contratação, treinamento e retenção de talentos diversos.



O mercado financeiro é amplo e acomoda uma gama variada de instituições. Alguns exemplos. Os bancos, provavelmente, são os mais conhecidos. Podem ser de varejo focado no atendimento à pessoa física e suas contas bancárias -; de atacado, atendendo a empresas; de investimento, que auxiliam pessoas e empresas a alocar seu capital; ou, ainda, múltiplos: grandes conglomerados que possuem as três atividades. Além dos bancos, fazem parte da órbita do mercado, corretoras de valores, fundos de investimento empresas que administram dinheiro de terceiros -, seguradoras, consultorias, instituições reguladoras privadas – como ANBIMA, AMEC, entre outras -, e públicas, como Banco Central e CVM. Mais recentemente, chegaram as FINTECHs, empresas que inovam e incorporaram um alto grau de tecnologia.

E é exatamente pela diversidade de áreas de atuação, possibilidade de mobilidade entre elas e interconexões, que a carreira de quem trabalha no mercado pode ser dinâmica e sem um padrão pré-definido. Você pode ser bem sucedida numa área de análise e pesquisa, como economista responsável por projeções das principais variáveis macroeconômicas de diferentes países e pela construção de cenários, ou como uma analista de renda variável que projeta o preço potencial de determinadas empresas para recomendar o melhor momento de comprar ou vender um papel. O leque é amplo. Você ainda pode ser muito bem sucedida em uma área de negócio, decidindo as melhores oportunidades de investimento, fazendo o relacionamento direto ou atraindo novos clientes, inventando novos produtos que atendam a demanda dos seus clientes, ou, ainda, a responsável por assegurar que as operações sejam realizadas da forma mais eficiente e de acordo com todas as regras vigentes. Tem também quem se dedica às políticas de contratação e de retenção de talentos. De uma forma geral, encontramos graduados em economia em cada uma dessas áreas. Seu perfil, mais comunicativo ou analítico, sua ambição, o que você de fato quer fazer e conquistar na carreira, e as oportunidades que surgirem acabarão determinando sua carreira. Sim, também é preciso uma certa dose de sorte para encontrar as pessoas e as oportunidades certas ao longo da carreira, mas, em geral, você aprende que também pode ser responsável por construir a sua sorte.

A primeira coisa a reconhecer é que o currículo é só um papel. O que realmente importa é você, seus valores e habilidades. Nessa ordem. Seja absolutamente honesta. Exageros ou mentiras podem e devem te excluir de qualquer processo seletivo. O currículo é a sua carta de apresentação. Ele deve ser atrativo, não abrindo mão da objetividade e transparência, para que o responsável pela seleção queira te conhecer pessoalmente. Alguns pontos no currículo são importantes: sua formação, mais do que o nome da sua faculdade, e sua capacidade de aprender e usar seu conhecimento. Uma segunda língua, principalmente o inglês, é cada dia mais essencial, principalmente se você procurar uma

instituição com matriz fora do país. Mas não se limite a isso, se você ainda não é fluente no idioma. Não deixe de se candidatar. Você terá tempo e oportunidade para aprender. Só precisa ter consciência que terá que correr atrás. Há outras habilidades que podem compensar. Experiência profissionais anteriores, mesmo aquela que você não considera relacionada à área em que quer atuar, podem pesar a seu favor. Um exemplo? Saber que você trabalhou enquanto estudava é uma informação relevante e positiva. Conhecimentos tecnológicos, cursos relacionados, trabalhos voluntários, conquistas esportivas ou acadêmicas, talentos artísticos, ou posições de liderança alcançadas agregam para mostrar quem é você. Mas seja sucinta. Não precisa entrar em detalhes. Todas as informações devem caber em uma página, no máximo duas. O mais importante, insisto, é que o papel reflita você. E que tudo o que listamos até aqui seja dito com segurança, assertividade e transparência na hora da entrevista. O que vale é o olho no olho. A empatia se dá, de fato, no contato pessoal e não apenas ao ler uma folha de papel.

Você pode encontrar vagas por meio das ligas de mercado financeiro da sua faculdade, mural de estágios e redes sociais das organizações que te interessam. As principais empresas sempre publicam as ofertas em suas redes sociais ou websites. Seguir o LinkedIn da empresa desejada e ativamente entrar no site é mandatório. Além disso, é fundamental contar com o apoio de pessoas que atuem no mercado. Quem quer, não espera sentado. Vá atrás, mande mensagens, espalhe seu currículo e seja explícita. Faça com que as pessoas saibam que você tem interesse e está disposta a trabalhar no mercado. Mas, insisto: não se limite ao que existe no seu currículo. A sua vontade e seu desempenho nas entrevistas vão importar mais.

Você se lembra do Lobo de Wall Street? Um gênio trapaceiro do mercado financeiro interpretado por Leonardo Di Caprio? Então, ele anda em baixa.

O mercado é diverso o suficiente para acomodar vários perfis, mas os lobos, felizmente, estão em extinção. E, exatamente por isso, a primeira habilidade que me vem à mente é saber trabalhar em equipe. Mais: ser capaz de formar uma, juntar pessoas que se complementam, se apoiam e trabalham sem quebrar regras. É verdade que o trabalho, muitas vezes, é competitivo. Quase todos querem ser os melhores na sua área de atuação, porém somente aqueles que contam com uma grande equipe, horizontal e verticalmente, conseguem alcançar esse objetivo. Nunca perca de vista que esse é um mundo ainda muito restrito. As pessoas se conhecem e se falam. Sua reputação será o grande ativo ou passivo na sua carreira. Um grande profissional que conheço costuma dizer que um mau gerente de pessoas é o caminho mais rápido para o fracasso de uma instituição. Por isso, procure sempre trabalhar com quem você confie. Ao longo da minha carreira, conheci

peessoas brilhantes, geniais até, que ficaram para trás por não conseguirem confiar em outras. Ser uma boa comunicadora, atenta e organizada, também pode te ajudar muito. É necessário ter flexibilidade porque as mudanças são constantes. Empresas são reestruturadas, pessoas trocam de emprego, áreas ficam obsoletas, outras atividades surgem. Saber navegar em um mundo em constante mutação é fundamental. Em mais de duas décadas de carreira, carrego um mantra que nunca abri mão, seja liderando ou apenas fazendo parte de uma equipe: criatividade para inovar e fazer diferente; disciplina para executar. Ser só criativa, porém dispersa, não é o suficiente. Suas ideias, mesmo que brilhantes, podem nunca sair do papel, ganhar vida e, quem sabe, revolucionar o mercado. Ser só disciplinada, porém sem o brilho no olho de quem se vê capaz de ousar, também. Nos dois casos, o teto pode ser logo ali.

Cada vez mais o domínio da tecnologia se faz um pré-requisito para uma carreira bem sucedida no mercado financeiro. Você não precisa necessariamente desenvolver novas tecnologias. Se for capaz, ainda melhor. Mas o que importa é conhecer, saber explorar as vantagens e se prevenir dos riscos inerentes a elas.

Um dos maiores aprendizados para mim foi descobrir, ao longo dos anos, a importância da minha rede de contatos. Eles não precisam ser seus amigos, embora muitos acabem virando, o que torna o trabalho ainda mais agradável. Podem ser mentores, gestores, colegas, pares, subordinados. Não importa. O essencial é você tenha com quem dividir suas dúvidas e angústias. Gente de confiança, que comunguem os mesmos valores, e que ajudarão a enfrentar os desafios. Construir e cultivar a sua própria rede é fundamental. O caminho para ter novas oportunidades. Olhando pelo retrovisor das duas últimas décadas e meia, não vejo nem me oriento pelos cargos que ocupei ou funções que exerci. Vejo pessoas, muitas delas amigos até hoje, que estiveram ao meu lado. Que caminharam comigo. Além disso, você precisa falar e agir, como diz Jamie Dimon, presidente global do J.P. Morgan: “problemas não envelhecem bem, é preciso enfrentá-los”.

Como me inserir no mercado de trabalho?

2. Quero ir para o setor privado

Paula Esteban

Atual Coordenadora e Professora do Centro de Ciências Econômicas do IBMEC/RJ com 12 anos de experiência em consultoria

O momento de entrada no mercado de trabalho é muito esperado, afinal entramos na graduação ansiando por esse próximo passo. Muitos jovens já ingressam no primeiro semestre da faculdade querendo buscar um estágio, mas... calma! Cada etapa tem seu tempo certo... A graduação é uma jornada de aprendizagem, composta por fases e em cada uma delas devemos buscar obter conhecimento e o desenvolvimento de habilidades e competências diferentes, mas principalmente, vivenciar experiências distintas e que enriqueçam a nossa trajetória profissional e acadêmica.

O estágio ou trainee, usualmente, são a porta de entrada para o mercado de trabalho. Na nossa jornada de aprendizagem, que é a graduação em economia, geralmente acontece no terceiro ou no início do quarto ano de formação. Mas, e até lá? O que devemos fazer para estarmos preparados para esse momento de busca de estágio?

Nessa jornada de aprendizagem, construímos conhecimento profissional, desenvolvemos competências técnicas e socioemocionais, tanto em sala de aula, como em atividades complementares que vivenciamos na graduação. Para esse desenvolvimento, devemos aproveitar cada experiência que a instituição de ensino oferece: monitoria em disciplinas, participação de empresas juniores, engajamento em ligas e centros acadêmicos, presença em atividades de extensão. Todas as atividades enriquecem a nossa experiência e nos qualificam para dar o próximo passo: o tão sonhado ingresso no mercado de trabalho.

As possibilidades de carreira para economistas são muito amplas: área de pesquisa, atividades do setor público, mercado financeiro, mundo corporativo, consultoria, startups, negócios de impacto, ONGs e, até mesmo, o empreendedorismo. Para escolher o caminho a ser seguido, o primeiro passo é entender com o que você mais se identifica. A escolha entre o setor privado e o terceiro setor passa pela identificação de propósito pessoal e de desejo de construção de carreira. A remuneração no terceiro setor pode não ser tão alta quando no setor privado, mas o propósito pode (e deve!) motivar a escolha. Muitos profissionais mudam a sua carreira, após anos de sucesso em uma área, por não se identificarem com o propósito da empresa onde atuam ou por não se sentirem satisfeitos com suas atividades. A identificação com valores presentes em instituições do terceiro setor e a sensação de gerar impacto social ou ambiental positivo são fatores que devem ser considerado no seu planejamento de carreira.

Já o setor privado tem inúmeras possibilidades de carreira. No mundo corporativo, o/a economista pode atuar em áreas tão diferentes como financeiro, recursos humanos, inovação ou até mesmo marketing! Lembre-se que a formação em economia propicia o desenvolvimento da sua capacidade de tomada de decisão (afinal, os desejos são ilimitados e os recursos são escassos!), de trabalhar com dados, de modelagem e de visão crítica. Atualmente, as diversas áreas corporativas demandam essas competências e “pensar como economista” propicia uma boa leitura do mundo. As competências técnicas desenvolvidas na graduação vão auxiliar muito nessa trajetória. Além das disciplinas usuais em uma formação em economia, temos desenvolvido cada vez mais a necessidade de ter fluência digital, ou seja, conhecer o básico em programação em algumas linguagens (hoje, as mais demandadas são Python e R), manipulação de dados e uso de sistemas. Mas não podemos nos esquecer das competências socioemocionais, como flexibilidade, capacidade de adaptação, trabalho em equipe, empatia e autoconhecimento. Essas competências ajudam no seu desenho de carreira e podem ser boas aliadas no seu crescimento profissional, afinal, não escolhemos com quem trabalhamos! As competências socioemocionais são valorizadas para o crescimento profissional. O ambiente corporativo é dinâmico, com rápidas mudanças, e as capacidades de adaptação, relacionamento interpessoal, empatia e autoconhecimento acabam por desempenhar um papel muito importante na progressão do profissional.

As empresas de consultoria são uma oportunidade interessante. A atuação em consultoria permite a participação em vários projetos, em setores ou empresas diferentes, em um curto período de tempo. Demanda grande dedicação, mas a aprendizagem, o desenvolvimento profissional e a progressão de carreira são acelerados. A remuneração em consultoria geralmente é acima da média do mercado e muitas empresas financiam a pós graduação dos seus colaboradores. Os processos seletivos de consultoria são específicos

e demandam o conhecimento de resolução de estudo de casos. Algumas instituições de ensino contam com grupos de estudos conduzidos por alunos com o objetivo de se preparar para o processo seletivo específico de consultoria. O interessante desses grupos de estudo é que tem uma rotina de preparação com conteúdos específicos demandados nesses processos e, ainda, promovem eventos com as consultorias mais relevantes do mundo, aproximando o estudante dessa carreira.

O estágio deve ser visto não apenas como o primeiro passo no mercado de trabalho, mas também como uma oportunidade para conhecer funções, empresas e perspectivas de carreira. Vale a pena estarmos aberto para as diferentes oportunidades que apareçam, inclusive para conhecermos as possibilidades e descobrirmos se nos identificamos (ou não!). Assim, a escolha do estágio deve sempre considerar a variável “aprendizagem”. Devemos nos questionar: o que estou aprendendo nesse trabalho? Vamos lembrar que a nossa primeira escolha profissional (o estágio!) é apenas UMA escolha e que sempre podemos modificar o caminho. Afinal, sabemos que muitas novas profissões e possibilidades estão surgindo, então, o mais importante é entender que a trajetória profissional (em qualquer área!) será de aprendizagem contínua e cada vez menos linear. Não espere entrar na empresa como estagiário e chegar em poucos anos a CEO! O caminho é longo e pode ter pausas (ou atalhos) pelo caminho: um mestrado no exterior? Assumir um desafio de atuar em uma área diferente? Ir para uma empresa pequena (com mais possibilidade de crescimento)? Ou ingressar em uma empresa grande/multinacional (carreira mais estruturada, mas maior especialização)? São muitas possibilidades!

Importante entender que entrar em uma empresa via programa de estágio ou programa trainee pode ter diferença no desenho da carreira. O estágio é pensando no estudante, que ainda está cursando a graduação e tem um caminho de aprendizagem antes de se formar, assim, a supervisão deve ser contínua e presente, ajudando o estudante a se desenvolver naquelas atividades e propiciando o maior conhecimento da área profissional. Já o trainee tem foco nos formandos ou recém-formados e busca capacitá-los para exercerem posições de liderança dentro da empresa. Assim, é esperado que os profissionais que entram em uma empresa pelo programa de trainee tenham uma ascensão mais rápida dentro da estrutura organizacional. No entanto, o estudante não precisa escolher entre um ou outro: são fases distintas dentro da jornada de formação e entrada no mercado de trabalho!

Para começarmos esse processo de entrada no mercado de trabalho, precisamos nos apresentar. Vale a pena fazer um perfil profissional no LinkedIn. É uma ferramenta dinâmica, que o profissional pode inserir suas conquistas, gerar conteúdo relevante e interagir com recrutadores das empresas ou até mesmo com outros profissionais que tenham

interesses similares. A segunda forma de se apresentar é elaborar um bom currículo. O currículo deve ser organizado e pode ser construído com as informações em ordem cronológica, sendo as experiências mais recentes primeiro. No início da trajetória, é natural não termos ainda experiência profissional, então, insira no seu currículo todas as atividades e vivências que você pode experimentar na sua jornada de aprendizagem (empresas juniores, centro acadêmicos, ligas, monitorias). Você pode incluir trabalho voluntário que tenha feito, campeonato esportivo que tenha sido campeão, experiências de intercâmbio, por exemplo. Essas informações são importantes para o recrutador conhecer o perfil do candidato. Dicas básicas para a elaboração do currículo são: use um endereço de e-mail que poderá te acompanhar na sua trajetória profissional, não precisa colocar informações de documentos como CPF ou identidade, mantenha uma apresentação formal e compatível com a empresa que você está buscando a vaga e faça uma revisão cuidadosa do texto. Muitos sites gratuitos de recrutamento estão disponíveis, alguns amplamente utilizados são Gupy, Kenoby, Cia de Talentos, dentre outros. O LinkedIn pode ser um excelente aliado: siga as empresas que você gostaria de trabalhar, acompanhe grupos de discussão e fique atualizado com as oportunidades.

3. Quero ir para o terceiro setor



Flávia Passos

Grant Manager na Porticus com x anos de carreira no terceiro setor

Colaboradora: Larissa Stolar e Larissa Hashimoto

Nessa subseção vamos comentar um pouco sobre a inserção no mercado de trabalho no terceiro setor. Vale a pena comentar que se você deseja trabalhar com impacto social, o terceiro setor é apenas uma das opções. O setor público fala por si só, é a própria geração de impacto social em escala. O setor comumente chamado de 2,5 ou negócios sociais (ou de impacto social) abarca diversas organizações que atuam para solucionar problemas sociais e ambientais. No setor privado as áreas de responsabilidade social corporativa, sustentabilidade, gestão de voluntariado empresarial, ESG* (campo que vem crescendo bastante nos últimos anos), são as mais comuns na perspectiva de impacto social.

* sigla em inglês para “environmental, social and governance” (ambiental, social e governança, em português), geralmente usada para medir as práticas ambientais, sociais e de governança de uma empresa.

O terceiro setor é um mundo de possibilidades. As organizações têm estruturas bastante diversas, com pequeno, médio e grande porte, e o profissional pode atuar em diversas áreas. As mais comuns são: captação de recursos, gestão e implementação de projetos, gestão e produção de conhecimento, pesquisa quantitativa e qualitativa, monitoramento e avaliação, finanças, marketing e recursos humanos. O curso de Economia, por ser abrangente, abre portas para vagas que têm perfis bem diferentes, como as citadas acima. A sua experiência prévia em determinado setor ou área pode contar bastante na hora de procurar as vagas e participar de processos seletivos.

Dependendo da estrutura da organização, o plano de carreira pode variar bastante. O campo vem se profissionalizando, é possível encontrar organizações que já possuem mais recursos e conseguem prover possibilidades internas de desenvolvimento e crescimento profissional. Entretanto, muitas organizações ainda possuem a estrutura bem enxuta. Como as organizações são movidas por doações e investimento social privado, os recursos são prioritariamente alocados para projetos e faltam recursos para investimento em recursos humanos, ampliação da equipe e desenvolvimento profissional. Não é à toa que vemos muitos profissionais mudando de organizações no terceiro setor, essa é uma estratégia comum para se buscar crescimento (em termos de cargos, salários, benefícios) e continuar trabalhando com impacto social, com a causa e o propósito que a pessoa deseja.

Na hora de preparar o currículo é importante trazer com clareza os interesses no tema (por exemplo, educação, meio ambiente, saúde) e no respectivo departamento que a vaga se aplica, conectando com a sua experiência prévia (formação ou prática). O processo seletivo pode ter várias etapas. Ainda é comum o envio de currículo e a entrevista com os gestores da organização, mas cada vez mais as organizações vêm utilizando plataformas (como a [Gupy](#)) e as etapas podem abarcar testes de lógica, de inglês, entrevistas de competências, análise de vídeo contando sobre a trajetória pessoal e profissional, resolução de caso (em que a organização compartilha um desafio para o candidato resolver), além da análise prévia do currículo. É importante reservar tempo para se dedicar às etapas do processo e estudar sobre a organização (missão, valores, áreas de atuação e principais linhas estratégicas) antes de iniciar a candidatura.

Falo de autoconhecimento novamente abaixo, isso é chave para você se destacar nos processos seletivos, saber conectar pontos da sua trajetória com o caminho que você quer seguir (ou se aprofundar), trazer com clareza elementos que são chave e que fizeram você escolher essa organização, esse cargo, nesse momento.

As dicas de ouro para procurar vagas são: seguir nas redes sociais (especialmente Instagram, LinkedIn, Twitter) organizações e profissionais que atuem em prol de causas que a pessoa tem interesse; estar por dentro dos temas prioritários relacionados às causas e

saber conectar com experiências e interesses presentes em seu currículo. Existem grupos no Facebook (mas que estão cada vez menos movimentados), como [Trabalhando com Impacto Social](#) e [Empregos no Terceiro Setor](#); e outros tantos no Instagram, como [Vagas de Impacto](#) e [Trabalhar com Impacto](#).

Emocionalmente, trabalhar com causas que te movem pode ser bem intenso, positivamente e negativamente, e várias são no campo emergencial. Por isso, se for possível, um acompanhamento psicológico é importante para lidar com as situações e decisões do dia a dia, cuidar da saúde mental e de você. É necessário resiliência para seguir em meio a tantos retrocessos, dependendo do governo e das prioridades, e isso tem impacto direto nas ações das organizações do terceiro setor.

Do ponto de vista de habilidades técnicas, pode variar bastante dependendo da área e da causa em que a organização atua. Considero pensamento crítico e sistêmico como habilidades chave, e dependendo da área podem ser exigidas habilidades mais específicas como sistemas de CRM (Salesforce, por exemplo), mas são todos conhecimentos que podem ser adquiridos através de treinamentos focados ou cursos online para ter uma noção prévia.

Para superar desafios na carreira, é importante ter em mente que a definição de sucesso é muito subjetiva e individual. Depende muito da carreira e da trajetória de cada um. O autoconhecimento é essencial, refletir sobre o que realmente te motiva e faz sentido de acordo com a sua fase de vida. Isso ajuda bastante em fazer escolhas de como investir seu tempo e habilidades, saber o que se quer e aonde se quer chegar. Às vezes mudanças são necessárias para alcançar outros espaços ou salários mais altos. Conversar e trocar com outras pessoas que atuam na área ou no tema é muito importante para saber que você não está sozinho/a nesse barco, e que muitos caminhos são possíveis. Tem momentos que precisamos dar um respiro para poder recarregar as energias, conseguir enxergar os próximos passos e ter uma rede de apoio é fundamental. Conversar com pessoas que já fizeram caminhos parecidos também é uma estratégia, bem como analisar se as escolhas se aplicam ou não no seu caso, pois cada contexto é único.

Se está começando, experimente! Na graduação muitas universidades têm entidades estudantis voltadas para o terceiro setor ou impacto social, isso está crescendo cada dia mais. Engajar-se em projetos voluntários ou consultorias específicas pode ser uma opção para testar o campo onde deseja atuar, identificar como são os ambientes organizacionais e sazonalidades. É muito difícil acertar logo de primeira! Seja no primeiro emprego ou transição de carreira, tem momentos que precisamos começar e persistir, aprender ao longo do caminho, refazer trajetórias, nada precisa ser definitivo. O principal é se conhecer e buscar caminhos que façam mais sentido de acordo com o que você quer, o que te motiva, mas, vamos ser sinceros (sem romantizar muito!), também com o que você precisa.

Como me inserir no mercado de trabalho?

4. Quero ir para o governo

Ana Pessanha

Mestranda em Política e Economia do Setor Público

A partir dos inputs de [Joana Monteiro](#), professora da FGV/EBAPE, atual coordenadora do Centro de Ciência Aplicada à Segurança Pública da FGV, ex-presidente do Instituto de Segurança Pública (ISP) e ex-coordenadora do Centro de Pesquisa do Ministério Público do Rio de Janeiro.

Uma das grandes belezas de estudar economia é poder aplicar conhecimentos teóricos e metodológicos no desenho, implementação e avaliação de impacto de políticas públicas. O grande objetivo de todos os economistas que entram nessa área é o de contribuir para a construção de políticas mais eficientes no combate a diversos problemas sociais como criminalidade, pobreza, violência de gênero e muitos outros. Se você compartilha desse sonho e deseja atuar diretamente no governo, há algumas formas de enveredar por esse caminho.

A primeira porta de entrada, e a mais conhecida, é via concursos públicos. Dentro deste grupo, há duas possibilidades: autarquias/empresas públicas (BNDES, Banco Central, Petrobrás, IBGE, Tesouro Nacional etc) e via carreira de Especialista em Políticas Públicas e Gestão Governamental (EPPGG). Apesar desta ser vinculada ao Ministério do Planejamento do Governo Federal, alguns estados aderiram a esse modelo de concurso. No primeiro caso, as vantagens claras são a alta remuneração e a estabilidade, embora haja baixa flexibilidade no dia a dia do trabalho. Além disso, concursos desse tipo muitas vezes abrem inscrições com um grande intervalo de tempo. O último concurso para o BN-



DES, por exemplo, foi realizado em 2012. No segundo caso, a vantagem é que há uma certa estabilidade (menor do que no 1º caso) com alta flexibilidade no dia a dia do trabalho e vinculação direta com tomadores de decisão do executivo.

A segunda possibilidade de entrada no setor público é via extra-quadro (DAS), tanto para pessoas no início da carreira como para seniors. Exemplos de cargos que se enquadram nessa categoria são subsecretários, assessores, diretores/presidentes de autarquias, entre outros. A vantagem é que você pode entrar diretamente em posições de poder e/ou construir carreira sem ter que esperar por um concurso público. Porém, não espere uma previsibilidade em relação a estabilidade, uma vez que essa categoria não atende ao regime CLT e você pode ser demitido no dia seguinte, dependendo da situação política.

A última via, mais arriscada e conseqüentemente mais rara no Brasil, é a de intercalar períodos dentro e fora do governo (seja para academia, setor privado ou terceiro setor). A desvantagem clara dessa opção é que você precisa ter alguma garantia de que terá seu emprego de volta, caso seja demitido do setor público (por exemplo, caso você ocupe um cargo comissionado). A vantagem, porém, é que você pode aproveitar momentos de frustração no governo, provenientes de situações políticas desfavoráveis para a implementação dos seus projetos, para voltar para academia, trabalhar indiretamente com política pública ou até ir para o setor privado.

Estes são os quatro caminhos através dos quais você pode construir carreira no governo. Caso você ainda esteja na graduação/mestrado, você pode procurar um estágio no setor público. Neste caso, é fundamental que você procure contatos. Infelizmente as vagas nessa área acabam circulando apenas entre grupos de whatsapp ou via indicação direta. Se você não conhecer diretamente alguém que trabalhe no governo, uma possibilidade é você contactar algum professor da sua universidade que pode ter algum conhecido nessa área.

Em relação às habilidades técnicas que você precisa ter para se tornar uma candidata competitiva, é imperativo que você tenha, no mínimo, conhecimentos básicos de estatística, econometria e limpeza/análise de bases de dados via softwares como R, Stata ou Phyton. Algumas vagas também podem solicitar conhecimentos de avaliação de impacto de políticas públicas e/ou conhecimentos básicos da literatura de algum tema específico (Educação, por exemplo). No que se refere às habilidades socioemocionais, é importante que você tenha muita objetividade na comunicação, pragmatismo e seja capaz de trabalhar em ambientes com alta volatilidade e pressão. Além disso tudo, tenha propósito. A melhor forma de garantir um bom desempenho em uma entrevista de estágio nessa área é enfatizar que trabalhar no setor público é sua paixão. Pessoas que procuram esses estágios só para cumprir requisitos da faculdade acabam não avançando no processo.

Por fim, saiba que trabalhar no setor público não é fácil. Falta de recursos e baixa vontade política para mudar os processos internos e as políticas públicas são restrições quase sempre garantidas. O grupo de gestores que entram na carreira para melhorar estruturalmente o setor público ainda é muito pequeno. A lentidão no processo de mudança é, inclusive, um dos principais fatores que fazem as pessoas saírem dessa área. Política pública sem vontade e oportunidade política não vai para a frente, não importa o quão correta ela seja em termos técnicos. Apesar dos desafios, quando a vontade política encontra a técnica, o impacto positivo pode ser muito significativo para melhorar a vida dos cidadãos.

5. Quero ser pesquisador e professor

[Ana Paula Melo](#)

Professora de economia na Howard University

Colaboradores: [Cristine Pinto](#), [Eduardo Cenci](#), [Laura Karpuska](#) e [Laura Schiavon](#)

A carreira acadêmica consiste, de maneira geral, na atuação do economista em universidades como professor e pesquisador. A construção de uma carreira acadêmica é uma maratona: o percurso é longo, requer muito treinamento e investimento, tanto de tempo como financeiro. Suas chances dependem, largamente, do seu potencial de pesquisa, experiência de ensino, e sim, de rede de apoio e contatos. É importante estar atento às exigências do mercado. Para se tornar um professor em uma universidade, o mais comum é ter exigência de doutorado. Um currículo competitivo demora tempo para ser construído e deve começar desde o seu primeiro ano de doutorado.

Uma etapa crucial no processo é a escolha do centro onde irá cursar seu doutorado. Converse com alunos e ex-alunos e avalie onde os graduados daquele centro estão hoje. Avalie se o corpo docente costuma ter publicações com alunos em bons congressos e revistas. Você pode fazer isso olhando o site acadêmico dos professores, o perfil deles no Google Scholar ou o currículo Lattes. Pergunte sobre o grau de



apoio do centro aos alunos na busca de emprego acadêmico. Ainda que você não tenha certeza, declare desde o começo seu interesse na carreira acadêmica e busque orientadores e comitê de tese que apoiem seus planos. O apoio dos seus orientadores e mentores faz muita diferença.

Durante o doutorado, desenvolver sua pesquisa é sua tarefa principal. Dedique-se às aulas – pois um bom treinamento técnico precede uma boa pesquisa –, anote suas ideias de pesquisa, desenvolva projetos e crie relações de co-autoria que contribuirão para o desenvolvimento da sua tese direta ou indiretamente. A academia está cada vez mais habituada a trabalhos em co-autoria e é importante cultivar colaborações com pessoas que você se relacione bem e que pesquisem nas mesmas áreas que você. Importante manter, sempre que possível, o foco na sua área de pesquisa e, principalmente, na tese de doutorado. Desenvolver bons artigos e com potencial de publicação demanda muito tempo e será o principal determinante da sua colocação no mercado de trabalho.

Apresente seu trabalho em conferências acadêmicas. Apresente também em workshops informais no seu departamento. Caso seu departamento não tenha um, proponha um seminário em parceria com seus colegas. Estimule o debate e a discussão saudáveis no plano da pesquisa. Construa um portfólio. É importante, por exemplo, que acadêmicos tenham um website. Ainda que você não tenha pesquisa desenvolvida, crie um currículo Lattes e um website com pelo menos seus interesses e o seu CV e adicione suas pesquisas quando elas surgirem. Atualize com frequência.

Aproveite esse tempo no doutorado para investir em atividades de ensino, especialmente se seu objetivo for trabalhar em uma instituição com enfoque mais em ensino do que pesquisa ou híbrido. Busque treinamentos oferecidos pela universidade. Ministre aulas como monitor, assistente de ensino ou, se possível, como professor principal de uma disciplina. Ao fim das matérias, organize suas avaliações submetidas pelos alunos. Você vai precisar desses documentos quando se candidatar para empregos. Fique atento também à crescente demanda por instrutores com experiência em ensino online.

No último ano do seu doutorado, comece a busca por emprego. No Brasil, a forma mais comum de ingresso na carreira é via concurso – no caso das instituições públicas – ou processo seletivo específico para as privadas. No exterior e em algumas privadas nacionais, o ingresso ocorre por meio de um processo padrão e centralizado, onde a maior parte das vagas são ofertadas em plataformas como [EconJobMarket](#) e [JOE Network](#) (AEA). Na seleção para as universidades públicas brasileiras, usualmente tem um peso importante o número de artigos publicados pelo candidato, sendo a distinção da qualidade das revistas comumente baseada no [Qualis \(CAPES\)](#). Enquanto que na seleção para

as universidades no exterior e privadas, usualmente tem peso maior o artigo do autor apresentado no processo seletivo, frequentemente ainda não publicado (o “Job Market Paper”). O foco de cada posição também varia. Alguns empregos são mais voltados para pesquisa, enquanto outros são mais focados em ensino. Há também a possibilidade de fazer um pós-doutorado, uma boa oportunidade para solidificar seu portfólio de pesquisa antes de assumir uma posição de professor.

Uma vez garantida uma vaga como professor em uma universidade, os critérios de permanência variam de acordo com o país. Concursos acadêmicos no Brasil possuem critérios de estabilidade e promoção na carreira que são muito diferentes de critérios no mercado internacional. Em uma universidade no exterior, por exemplo, as posições acadêmicas mais desejadas são do tipo “tenure-track”. Isso significa que professores entram em uma posição temporária e passam, após cinco ou seis anos, por um outro processo de avaliação antes de serem garantidos “tenure”. Esse processo avalia a agenda de pesquisa, lista de publicações, avaliações de ensino, e carta de recomendação de pares que avaliarão a qualidade da sua produção acadêmica.

O processo completo de produção de um artigo científico, desde a ideia até a publicação, pode levar anos. Muitos projetos, por exemplo, necessitam de financiamento – um processo extenso, competitivo, e burocrático. Em Economia, após a conclusão de um manuscrito completo, é comum que artigos circulem amplamente entre pares, por meio de conferências e versões públicas do manuscrito disponibilizadas em seu site pessoal ou em um dos vários repositórios oficiais.

A publicação de artigos segue várias etapas, e o tempo entre submissão e publicação varia extensamente entre os diferentes periódicos. O primeiro passo é a submissão do artigo completo para a revista de interesse. Uma vez submetido, esse artigo passará pela revisão de pares. Se o parecer for que o artigo pode ser publicado na revista, os pareceristas irão indicar as modificações que você e os seus co-autores devem fazer no artigo para que ele seja publicado. Se você e os seus co-autores acharem que as críticas são factíveis, vocês começam a revisão e submetem o artigo novamente, uma etapa que pode ter mais de um ciclo, até o aceite (ou rejeição) final. Inclusive, uma das atividades realizadas pelos acadêmicos é ser pareceristas de artigos de sua área de pesquisa. Essa função é de extrema importância para a profissão, e requer que usar os conhecimentos técnicos para avaliar a pesquisa dos seus pares, ajudarmos a manter a qualidade e a relevância dos artigos publicados.

Manter um portfólio de projeto em diferentes etapas é uma estratégia comum entre acadêmicos não só para garantir o fluxo de pesquisa, mas também para controlar as dificuldades emocionais em um processo duradouro, com muitas críticas e rejeições. Balancear atividades de forma que recompensas de mais curto e médio prazo possam ser celebradas também é uma estratégia recomendada.

A carreira acadêmica requer resiliência e também uma sólida rede de apoio. Para superar os desafios de longo prazo, participe de grupos que te apoiem, com pessoas que compartilhem experiências similares, especialmente de gênero e raça, se for o caso. E lembre-se que o resultado pode ser muito gratificante. Dedicção exclusiva a temas de seu interesse, formação de gerações de novos economistas por meio do ensino e mentoria. Com esforço de amplificar e comunicar seus resultados, sua pesquisa com o tempo também pode ultrapassar as barreiras acadêmicas e criar impacto real na sociedade, influenciando políticas locais, nacionais, e até internacionais.

Anexo

1. Bolsas de mestrado e doutorado fora do Brasil.

Planilha preenchida conjuntamente por [Mateus Maciel](#).

Se você tiver alguma sugestão de bolsa para incluir, entre em contato com [Ana Pessanha](#). Para conferir a tabela completa, clique [aqui](#).

	A	B	C	D
1	Nome da bolsa	País	Universidade	Tipo de pós
2	Bolsa Eiffel	França	PSE, Toulouse, Paris I	M1 e M2 (e
3	-	Alemanha	Universidade alemã ond	Doutorado
4	Mastermind	Bélgica	KU Leuven	MASE (equ
5	Orange Tulip	Holanda	Várias	Mestrado e
6		Itália	Várias	Mestrado e
7	Fundação Carolina	Espanha	Várias	Mestrado e
8	Erasmus	Vários	Várias	Mestrado
9	Chevenning	UK	Várias	Mestrado
10	DAAD	Alemanha	Várias	Mestrado e

E	F	G	
Duração	Área	Período de abertura	Dead
Cobre o curso todo	Diversas	Primeiro semestre	Prime
4 anos	Diversas	Primeiro semestre	Prime
1 ano	Diversas	Primeiro semestre	Prime
Cobre o curso todo	Diversas	Primeiro semestre	Prime
6 a 9 meses	Diversas	Segundo semestre	Segu
Cobre o curso todo	Diversas	Primeiro semestre	Prime
Cobre o curso todo	Diversas (QEM e EPOG+)	Primeiro semestre	Prime
1 ano	Diversas	Segundo semestre	Segu
12 a 42 meses	Diversas	Segundo semestre	Segu

2. Carta de apresentação do Duval Guimarães:

Candidate Statement | Duval Guimarães Page 1 of 2

"Happiness is when what you think, what you say, and what you do are in harmony."
– Mahatma Gandhi.

The best way for me to explain why a public policy degree from the Harris School suits my personal and professional goals — and what I hope to experience and contribute if admitted — is by describing my interests and experiences as manifested throughout the long and curvy trail that has brought me to this application. It is based on an analysis of the most significant factors that have impacted my own life that I am able to define how I can make a difference and promote the common good in the problematic society we live in.

There have been major tipping points in my journey from Rio Branco, a town of five thousand people in Brazil's mid-west, to the capital of the United States. As the youngest son of humble ranchers, my natural career path would certainly not have led me to the International Monetary Fund (IMF). This becomes more evident when considering that, like our parents, both my older siblings dropped out of school to work at the farm and that I had already become a father by the age of 17. Moreover, until my second year of high school, I only had a basic knowledge of English.

Faced with paternal responsibilities, I started teaching English just over a year after I began studying it alongside high school in 2001. A year and a half later, seeking to improve my language skills, I spent all my savings to invest in a semester at Santa Barbara City College (SBCC), in California. My plan was to return to Brazil and open a small private English school to support my family while trying to pursue a college degree. However, from the assessment tests at SBCC, I learned that I was proficient enough in English to take college classes instead of the English as a second language program.

After my first semester, my counselor, Kathy McGuire, carefully clarified that it was possible to transfer from SBCC to a four-year university and obtain a Bachelors degree. Since my savings were not enough and my parents could not help me financially, I had no choice but to find ways to afford my own college education. During my time in Santa Barbara, I worked as a busboy, tutor, babysitter, and taxi driver, among other odd jobs. Meanwhile, I maintained a very strong academic performance. Soon enough, all my efforts paid off.

With the assistance of various scholarships and the savings from an entire year of hard work after graduation from SBCC, I transferred to American University (AU), in Washington, D.C. While at AU, I had the opportunity to pursue a variety of internships, engage in several leadership and volunteer activities of interest, and even study "abroad" at the University of Brasilia (UnB), where I had always dreamed of studying prior to coming to the U.S. Among many activities, I am especially proud of having founded and been the president of the Brazilian Club at AU, a result of my initiative to connect students interested in the Brazilian people, culture, and politics through pertinent debates and activities. Furthermore, the club became a crucial medium to lobby for AU's first study abroad program to Brazil, which became official in the fall of 2008.

I am equally proud for having founded and coordinated the Independent Students Union (UEI) at UnB. At that time, the university's administrative staff was negotiating to end a three-month long strike while the professors' union was mobilizing to begin its own. The latter would have resulted in an entire semester without classes. Through the UEI, other students and I produced a manifest to the professors arguing that their intentions to strike at that moment needed to consider the extra harm it would cause to the student body. We used facts to show that their strikes had been historically long and inefficient in terms of achieving their stated goals. The local media echoed our voices and, without support, the union had to step back. Classes were still delayed by a couple of weeks due to the administrative staff's strike, but more than 20 thousand UnB students did not have to miss an entire semester.

Upon my return to AU and prior to graduation, I had already been selected for my first full-time job as a Junior Professional Associate (JPA) at the World Bank. After one year, I was offered a Research Assistant (RAP) position at the IMF, where I have been involved in major publications and received positive feedback.

After all, if I were asked to pinpoint the most crucial catalyst that has led me to this graduate school application, I would not have to think twice to emphasize that it was becoming fluent in English. Meanwhile, it is estimated that only 17% of the near 190 million Brazilians speak fluent English, albeit imperfectly. Moreover, this is reduced to 6% among the middle class and to mere 2% for those below that level. As globalization urges for nationwide improvement in this respect, those who do not have the

Candidate Statement | Duval Guimarães Page 2 of 2

means to learn English should not be left behind.

Upon pursuing an MBA with focus on entrepreneurship from Booth along with a master of public policy degree with focus on education policy from the Harris School, I intend to transform my original plan of opening an English school into a much larger and more meaningful project. My idea is to set up a top quality school, from which I can redirect private sector resources toward more equitable access to good quality education, such as full-ride merit-based scholarships for those who are financially disadvantaged. In return, I will encourage these students to volunteer to teach in local schools as well as engage in other community development activities. In the meantime, I will continue to research and advocate for structural changes in the Brazilian educational system with the long-term goal of becoming a politician and the hope that doing so will give me the opportunity to impact the lives of a greater amount of people.

Altogether, I am confident that the Harris School will enrich my knowledge of public policy issues along with the most suitable approaches to tackle them, while providing me with yet another victorious chapter in life. Ultimately, with primary focus on educational issues, I envision becoming an efficient social entrepreneur and public leader who is well prepared to serve people with honesty, objectivity, and transparency. Lastly, I hope that the challenge of being admitted is not greater than that of jumping out of an airplane, which I enjoy doing.

3. Essay opcional justificando nota baixa no GRE/ GMAT do Duval Guimarães:

Essay 2: Duval Guimarães (MPP) – Page 1 of 1

Optional Considerations

I am usually of the thought that offering explanations to a failure might actually lead to the validation of that failure. However, regarding my relatively low GMAT score, I feel that consideration of other factors might be essential for a fairer evaluation of my performance. Needless to say, I cannot sufficiently convey my disappointment for having tested poorly despite my consistently strong academic performance and the heavily quantitative nature of my current work. While in college, constrained finances prevented me from taking quantitative courses other than those needed to meet the major requirements; in order to graduate within the timeframe I could afford, I needed to first and foremost plan my courses very strategically to avoid extra costs. Nevertheless, I am confident that I have the ability and willingness to catch up quantitatively if given the opportunity to do so.

I have consistently done well in Math throughout my academic career. When I arrived at Santa Barbara City College, I was asked to take their Math assessment test to see which Math courses I was eligible for. As a result, I was placed directly into Statistics, which was the only Math course required for my double major in Political Science and Global Studies. I then took Statistics as one of my honors courses and earned an A. A couple years later, when I transferred to American University (AU), I was also successful in taking a much more challenging Math test in which I had to score 80% or higher for AU to accept my Statistics class as a quantitative requirement for my International Studies major.

Upon graduation from AU, I was unable to pursue more coursework in Math. I even took the Math assessment test at Northern Virginia Community College, based on which I was eligible to register for calculus I with honors. However, despite my intentions, I could not proceed due to my full-time work and increased responsibilities toward my family at home; my daughter and partner joined me from Brazil as soon as I started working as a Junior Professional Associate at the World Bank.

Curiously, I am among the very few research assistants at the IMF who do not come from a heavily quantitative background. Nonetheless, I accepted the job offer knowing that specific training would be provided and that I was being presented with a unique opportunity to learn and intensify my quantitative skills on a daily basis. My experience has proven to be challenging and interesting, as expected. I have taken a 40-hour financial programming course designed for economists and research assistants and have had hands-on practice with a broad range of economic methodologies used to analyze country data. Among other things, my work includes calculating and aggregating more complex economic indicators such as real per capita GDP in U.S. dollars (at 2000 prices, using 2000 exchange rates) for all sub-Saharan African countries and its numerous analytical groupings. Under these circumstances, having been the first individual in the African Department to receive a Spot Award shows that I have learned and managed the workload effectively.

I myself have found it difficult to believe that my current GMAT score truly reflects my capabilities. Hence, I will retake it on December 30, 2010. I am aware that this deadline will have already passed by then, but I am happy to inform you about it and/or undertake supplementary preparation prior to graduate school if deemed necessary.



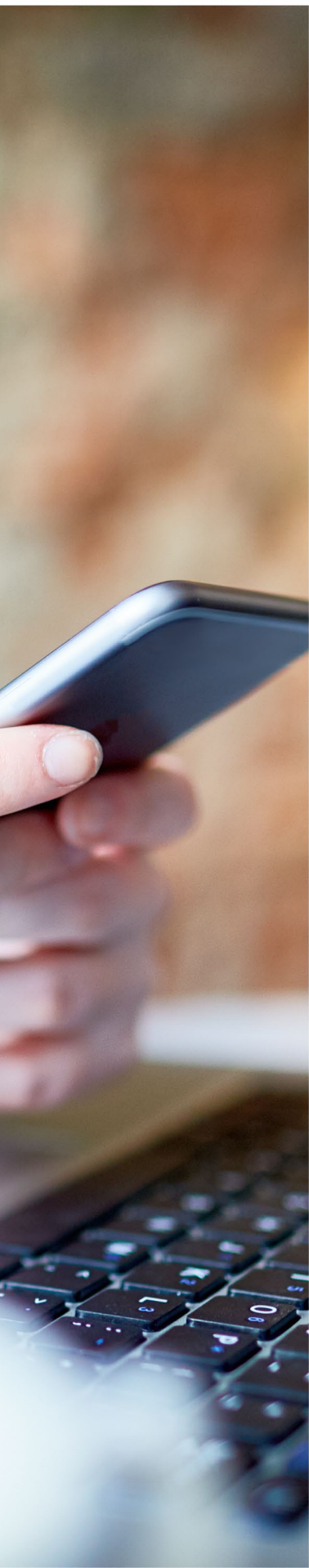
Materiais **complementares**

Olimpíada Brasileira de Economia: Os organizadores fizeram um painel com alguns economistas reconhecidos sobre possibilidades de carreira. Você pode conferir no link: bit.ly/painelOBE

Podcast EconomistAs: Bate-papo com economistas mulheres e suas convidadas com o objetivo de ampliar o espaço de debate para mulheres economistas e mostrar para jovens que economia também é coisa de mulher.

Guia sobre pós-graduação em economia: Escrito por Mateus Maciel e co-autores, este é um guia muito mais detalhado sobre pós-graduação em economia.

Guia sobre como aplicar para programas de PhD fora do país: Escrito por Mateus Maciel e co-autores, este é um guia muito mais detalhado sobre PhD em economia fora do Brasil.



Autoras, colaboradores e **Contatos**

Se interessou por alguma área do estudo de economia?
Quer saber mais sobre? Manda um email para nós!

Organizadoras e autoras:

Ana Luiza Pessanha | Graduada pela UFRJ e
Mestranda na FGV-EAESP
luizacp.mendonca@gmail.com

Maria Oaquim | Graduada e Mestranda na PUC-Rio
mariaoaquim98@gmail.com

Mariana Moura | Graduada pela UFRRJ e
Mestranda na UFJF
marianamouraa@gmail.com

Rebeca Vitelbo | Graduada pela FGV-Rio
rebeca.herdy@gmail.com

Colaboradora:

Projeto gráfico e diagramação

Tatiane Limani | Graduada pela Uerj
tatianelimani@gmail.com

Referências

Bibliográficas

AZZIMONTI, M; FERNANDES, M (2018). SOCIAL MEDIA NETWORKS, FAKE NEWS, AND POLARIZATION. NBER Working Paper.

FERNANDES, M (2019). Confirmation Bias in Social Networks. Working paper.

ABRAMITZKY, R. (2015). Economics and the Modern Economic Historian. The Journal of Economic History, vol 75(04), pages 1240-1251.

ACEMOGLU, D. (2008). Introduction to Modern Economic Growth. Princeton University Press.

ALESINA, A. GIULIANO, P. and NUNN, N. (2013). On the Origins of Gender Roles: Women and the Plough. Quarterly Journal of Economics. 128 (2): 469-530.

ASSUNÇÃO, J.; GANDOUR, C. and ROCHA, R. Deterring Deforestation in the Amazon: Environmental Monitoring and Law Enforcement. Working Paper.

ASSUNÇÃO, J. and BRAGANÇA, A. Does Technical Change in Agriculture Increase Deforestation? Evidence from the Brazilian Soybean Revolution.

AVIS, E. et al (2017). [Money and Politics: The Effects of Campaign Spending Limits on Political Competition and Incumbency Advantage](#). NBER Working Papers 23508, National Bureau of Economic Research, Inc.

AVIS, E.; FERRAZ, C. and FINAN, F. (2018). Do government audits reduce corruption? Estimating the impacts of exposing corrupt politicians. Journal of Political Economy.

BANERJEE, A. et al (2016). Mainstreaming an effective intervention: Evidence from randomized evaluations of “Teaching at the Right Level” in India (No. w22746). National Bureau of Economic Research.

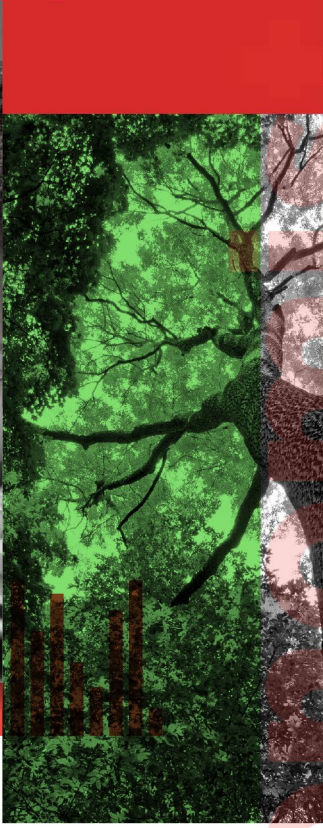
BARBOZA, R. and VASCONCELOS, G. (2019). “Measuring the aggregate effects of the Brazilian Development Bank on investment”. The North American Journal of Economics and Finance, v. 47. pp. 223-236.

BAIRD, S. ET AL (2014). Conditional, unconditional and everything in between: a systematic review of the effects of cash transfer programmes on schooling outcomes, Journal of Development Effectiveness, 6:1, 1-43.

BERTRAND, M. and SENDHIL, M. (2004). Are Emily And Greg More Employable Than Lakisha And Jamal? A Field Experiment On Labor Market Discrimination. American Economic Review, v94(4, Sep), 991-1013.

- BERLINSKI,S.; GALIANI,S. and GERTLER, P. (2009).The effect of pre-primary education on primary school performance. *Journal of Public Economics*,Volume 93, Issues 1–2,Pages 219-234.
- BHALOTRA, S., ROCHA, R. and SOARES, R., (2016). Does universalization of health work? Evidence from health systems restructuring and maternal and child health in Brazil. ISER Working Paper Series 2016-16, Institute for Social and Economic Research.
- BLAU, F. and KAHN, L. (2017). The Gender Wage Gap: Extent, Trends, and Explanations, *Journal of Economic Literature*, vol 55(3), pages 789-865.
- BURSZTYN, L. et al (2019). Social Media and Xenophobia: Evidence from Russia. NBER Working Paper No. w26567, Available at SSRN: <https://ssrn.com/abstract=3508546>.
- BURSZTYN,L.; FUJIWARA, T. and PALLAIS, A. (2017). '[Acting Wife](#)': [Marriage Market Incentives and Labor Market Investments](#). *American Economic Review*, American Economic Association, vol. 107(11), pages 3288-3319, November.
- CARD, D. and GIOVANNI P. (2016). Immigration Economics by George J. Borjas: A Review Essay. *Journal of Economic Literature*, 54(4): 1333-49.
- CARD, D and KRUEGER,A. (1994). Minimum Wages and Employment: A Case Study of the Fast-Food Industry in New Jersey and Pennsylvania, *American Economic Review*, 84, (4), 772-93.
- CORSEUIL, C., FOGUEL, M. and GONZAGA, G. (2018). Apprenticeship as a stepping stone to better jobs: Evidence from Brazilian matched employer-employee data. Forthcoming in *Labour Economics*.
- COSTA, F., DE FARIA, J., IACHAN, F., & CABALLERO, B. (2018). Homicides and the Age of Criminal Responsibility: A Density Discontinuity Approach. *Economía*, 19(1), 59-92.
- DIMICO, A. ISOPI, A. and OLSSON, O. (2017). "Origins of the Sicilian Mafia: The Market for Lemons". *The Journal of Economic History*, 77(4), 1083-1115
- DUTZ,M. et al. Jobs and growth : Brazil's productivity agenda (English). International development in focus Washington, D.C. : World Bank Group.
- FERRAZ, C., MONTEIRO, J. and OTTONI, B., Monopolizing Violence in Stateless Spaces: Evidence from the Pacification of Rio's Favelas, Working Paper.
- FUJIWARA, T. LAUDARES, H. and CAICEDO, F. Tordesillas, Slavery and the Origins of Brazilian Inequality. Working Paper
- GELBER,A.; ISEN,A.; KESSLER, J. (2016). The Effects of Youth Employment: Evidence from New York City Lotteries. *The Quarterly Journal of Economics*, Volume 131, Issue 1, Pages 423–460.
- GERTLER, P. (2004). Do Conditional Cash Transfers Improve Child Health? Evidence from PROGRESA's Control Randomized Experiment. *American Economic Review*, 94 (2): 336-341.

- GIULIANO, P. and NUNN, N. (2013). The Transmission of Democracy: From the Village to the Nation-State. *American Economic Review*, 103 (3): 86-92.
- HANNA, R. and OLKEN, B. (2018). Universal Basic Incomes vs. Targeted Transfers: Anti-Poverty Programs in Developing Countries. *Journal of Economic Perspectives* 32 (4), pp. 201-226.
- LA FERRARA, E., CHONG, A. and DURYEYEA, S. (2012). Soap Operas and Fertility: Evidence from Brazil. *American Economic Journal: Applied Economics*, 4 (4): 1-31.
- MADESTAM, A. et al (2013). Do Political Protests Matter? Evidence from the Tea Party Movement. *The Quarterly Journal of Economics* 128 (4) (August 11): 1633-1685.
- MANKIOW, G (2003). *Principles of Economics*. South-Western (1809), 3^o Edition.
- MANKIOW, G. (2015). *Macroeconomia/ N Gregory Mankiw ; tradução Ana Beatriz Rodrigues- 8a Edição*. Rio de Janeiro: LTC.
- MENEZES-FILHO, N. and PAZELLO, E. (2007). Do Teachers' Wages Matter for Proficiency? Evidence from a Funding Reform in Brazil. *Economics of Education Review*, 26, 660-672.
- NARITOMI, J. SOARES R. and ASSUNÇÃO J. (2012) Institutional Development and Colonial Heritage within Brazil. *The Journal of Economic History* [Internet], 72 (2) :393-422.
- NUNN, N. and GIAN, N. (2011). "The potato's contribution to population and urbanization: evidence from a historical experiment". *The Quarterly Journal of Economics* 126, 593-650.
- PAIVA DE ABREU, Marcelo (2014). *Ordem do Progresso- Dois Séculos de Política Econômica no Brasil*. 2^a Edicao.
- RESTUCCIA, D. and ROGERSON, R. (2017). The Causes and Costs of Misallocation. *Journal of Economic Perspectives- Volume 31, Number 3, Pages 151-174*.
- ROCHA, R. and SOARES, R. (2010). Evaluating the impact of community-based health interventions: evidence from Brazil's Family Health Program. *Health Economics*, John Wiley & Sons, Ltd., vol. 19(S1), pages 126-158.
- ROCHA, R., FERRAZ, C. and SOARES, R. (2017). "Human Capital Persistence and Development." *American Economic Journal: Applied Economics*, 9 (4): 105-36.
- SAMUELSON, P. (2009). "An interview with Paul Samuelson, part two". Entrevista concedida a Conor Clarke. *The Atlantic*, Boston, 18 junho de 2009. Disponível para acesso em: <<https://www.theatlantic.com/politics/archive/2009/06/an-interview-with-paul-samuelson-part-two/19627/>>
- SANT'ANNA, A. (2018). Not So Natural: Unequal Effects of Public Policies on the Occurrence of Disasters, *Ecological Economics*, Volume 152, Pages 273-281.
- SCHIAVON, L.; FERRAZ, C. (2017). *Essays on crime and justice*. Rio de Janeiro, 2017. 140p. Tese de Doutorado - Departamento de Economia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.
- SKOUFIAS, E. and DI MARO, V. (2008) Conditional Cash Transfers, Adult Work Incentives, and Poverty, *The Journal of Development Studies*, 44:7, 935-960.



Guia
dos

ECOLÓGICAS